

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MORAES , José Claudio de Almeida. José Claudio de Almeida Moraes “Dentinho” (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**José Claudio de Almeida Moraes “Dentinho”  
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** História de vida

**Entrevistador(es):** Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano;

**Levantamento de dados:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Técnico de gravação:** Ninna Carneiro; Thiago Augusto Esteves Kunis;

**Local:** São Paulo - SP - Brasil;

**Data:** 05/02/2015 a 05/02/2015

**Duração:** 3h 25min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

**Temas:** Agradecimentos; Anistia política; Anos 1970; Atividade profissional; Comunicação de massa; Departamento de Ordem Política e Social - DOPS; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Família; Imprensa; Ministério Público Estadual; Movimento estudantil; Movimento sindical; Polícia; Protesto político; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; Torcidas de futebol; Veículos de comunicação; Viagens e visitas; Violência;

## *Sumário*

Entrevista: 05.02.2015 Apresentações iniciais; origem em São Caetano do Sul, São Paulo; a família corintiana; o trabalho do pai e o envolvimento com o movimento sindical; a entrada na torcida da Gaviões da Fiel em 1970 e o mandato de Wadih Elu; o papel das torcidas como porta voz do torcedor; origens familiares; o envolvimento com o movimento estudantil; a ida ao primeiro jogo do Sport Clube Corinthians Paulista no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); a Democracia Corinthiana; a origem da torcida “Camisa 12”; grandes nomes da torcida da Gaviões; as rivalidades entre torcidas; a morte de Rodrigo de Gasperi e a violência nos estádios; a primeira caravana com a torcida em 1972 na semifinal do Campeonato Brasileiro, contra o Botafogo de Futebol e Regatas no Rio de Janeiro; a mudança da sede da Gaviões; a invasão corinthiana ao Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); a recepção da torcida em Porto Alegre; a conciliação entre torcida e trabalho; a relação da Gaviões com a diretoria de Vicente Matheus; o movimento de carnaval na Gaviões; o episódio da prisão, ida para o DOPS e o afastamento dos movimentos sindicais; o trabalho na secretaria da Gaviões; as eleições na Gaviões e prospecto das gestões anteriores; a Associação de Torcidas do Estado de São Paulo (Atoesp); o episódio da bandeira da anistia e dos porcos no estádio; o surgimento de novas torcidas; as repercussões da morte de Cleofas Sóstenes Dantas da Silva (Cléo); as sub-sedes; a setorização das torcidas nos estádios; a individualização das torcidas de mesmo time; a mudança do perfil das torcidas; o conselho da Gaviões; as eleições na Gaviões e algumas repercussões; o time do Corinthians nos anos 1980 e a Democracia Corinthiana; a participação da Gaviões na vida do clube; a relação da Gaviões com os jogadores; o salário dos jogadores; o diálogo com o Corinthians; a cobrança da torcida para com os jogadores; a relação com os treinadores; o contato com a imprensa e outros veículos de comunicação; questões jurídicas do carnaval da Gaviões; o reflexo do futebol no carnaval; o período como presidente da Gaviões nos anos 1990; a alavancada no carnaval da Gaviões nos anos 1990; a repercussão do episódio do Pacaembu, da briga das torcidas da Mancha Verde e da Torcida Tricolor Independente; a tentativa do Ministério Público de extinguir a Gaviões da Fiel; a relação com a polícia na primeira gestão como presidente da torcida; a relação da Gaviões com as outras torcidas; a queda no número de associados após o episódio do Pacaembu;

episódios de maior risco ao longo da experiência como torcedor; aspectos gerais da trajetória; agradecimentos finais.

*Entrevista: 05/02/2015*

B.H. – Boa tarde. São Paulo, cinco de fevereiro de 2015, gravação com José Claudio de Almeida Moraes, o Dentinho, ex-presidente da torcida Gaviões da Fiel. Esse é o projeto “Territórios do Torcer”, que é uma parceria entre a Fundação Getulio Vargas e o Museu do Futebol. Nessa entrevista participam Bruna Gottardo, José Paulo Florenzano e Bernardo Buarque. Bom, Dentinho, muito obrigado por ter aceito nosso convite, por vir aqui até o Museu em pleno dia de semana, de trabalho. Para nós é uma honra conhecê-lo. E eu gostaria, Dentinho, de começar com as origens familiares. Gostaria de saber onde e quando você nasceu.

J.M. – Eu sou de São Caetano do Sul, nasci em uma família grande, em uma família de corintianos, meu pai era muito corintiano. E sempre, desde criança, frequentando jogos com meu tio. Meu pai não ia tanto. Meu tio ia a mais jogos naquela época, 1968, 1967. Eu nasci em 1959 e eu já ia a estádios desde criança e me identifiquei logo de cara, assim de participar diretamente, não só de torcida, mas vendo os movimentos de torcida que tinham na época. Eu era corintiano fanático e sou cada vez mais. Parece que a gente vai envelhecendo vai aumentando esse fanatismo.

B.H. – Seu pai trabalhava em que?

J.M. – Meu pai era metalúrgico. Eu depois me tornei metalúrgico também, e meu pai era de sindicato e eu fui através... Estudando, me tornei estudante, participei de movimentos estudantis da época. Porque na época era época de ditadura, e o Corinthians estava na fila. Tinha toda essa junção de coisas. Aí comecei a participar de movimentos estudantis, comecei a trabalhar. Meu pai era metalúrgico e foi mandado embora, na época, ele era do sindicato de São Caetano, por movimentos sindicais. E eu comecei a participar também. E nisso tinha o Corinthians, a minha vida era isso. Era trabalhar em uma metalúrgica em São Caetano, participar do sindicato e Corinthians. Aí entrei nos Gaviões, que na época, 1970, 1971, estava em um movimento muito forte dentro do clube, para derrubar uma ditadura dentro do clube, um mandato catastrófico do senhor Wadih Elu, que mandava no clube. O clube estava devendo, era motivo de chacota, na época, o clube devia... Não tinha nem ônibus para ir para jogo, era uma coisa absurda. Todas as coisas do Corinthians eram penhoradas. Então, os Gaviões entraram em um movimento pesado para derrubar isso aí. E eu me identifiquei com

isso. Eu, tendo ideologia política, me identifiquei também com essa ideologia política. Porque eu acho importante colocar isso, as torcidas tem esse movimento. Hoje, pode ser diferente, alguma coisa de perdeu pelo meio do caminho, mas as torcidas surgiram para dar voz ao torcedor da arquibancada, aquela revolta, que o torcedor não conseguia mudar aquela questão, porque ele era... Além de na sua vida particular ele era proibido de gritar ou de falar alguma coisa pelo movimento militar da época, e no estádio de futebol o movimento era pior ainda, que os militares eram mais pesados. Então, eu fui nessa linha.

B.H. – Ainda em suas origens familiares, seu pai era de São Caetano? Os avós?

J.M. – Sim. Minha família toda. Todo mundo de lá. São nordestinos, não é? Que vieram de lá, meu pai é de família do Ceará, minha mãe de Pernambuco. Vieram para cá, constituíram família aqui, todo mundo morou ali em São Caetano, em Vila Barcelona ali.

B.H. – Você falou de movimento estudantil, você estudou em São Caetano, estudou até...?

J.M. – Sim. Eu fiz até o colegial em São Caetano. Aí, no período, eu fui expulso do colégio. Armações que tinham na época, ou você aceitava o movimento que havia da época ou você... A gente participava de movimento, quanto mais aparecia o seu nome mais você era visualizado. Então eu, na época, fui expulso do colégio por movimentos estudantis, me fizeram uma armações lá. Depois eu entrei com processos, mas não adiantou, na época era difícil. Você não conseguia ganhar nada, qualquer processo que você movia contra quem era superior a você, você não ganhava. Não tinha jeito. Muita gente que participou dessa época sabe disso. E aí eu deixei o lado de estudar e só me dediquei a... Quando estudei, fiz ginásio e tudo, eu comecei a trabalhar na Caldeiraria São Caetano, aí eu entrei no sindicato de São Caetano. E conforme eu me afastei do estudo, eu comecei a me dedicar ao sindicato, e participei da diretoria do sindicato de São Caetano. Foi um período bom, em 1978, 1977. A gente participou daquele movimento todo, da criação até do próprio partido, do PT. Então, foi um movimento importante. E nesse época eu já participava dos Gaviões. Não diretamente em diretoria, nada. Eu participava de departamento de bandeiras. Na torcida você vem assim, galgando... Você é torcedor, você vai lá, se associa, assiste a uma reunião, compra sua camisa. Aí você vai indo, aí você entra no departamento de bandeiras, você vai lá: “Maior barato balançar uma bandeira, tocar um instrumento”. Aí você entra em uma bateria. Então, é assim, você vai galgando. E eu era do departamento de bandeira, então tinha aquele negócio de todo jogo estar lá. E, na época, como eu estava participando diretamente dessa parte de sindicato, eu fui um pouco perseguido, na época, inclusive. E aí houve procura minha aqui

na... A sede dos Gaviões era na Santa Efigênia, a gente não tinha sede central lá ainda. E aí eu tive que me afastar. Eu conversei com o pessoal da época, o Flávio, o Joca, aí eles pediram: “a melhor coisa é você se afastar, porque eles estão vindo aqui”. E eles também eram estudantes, na época. “Perguntam de você e o caramba...” Aí eu falei: “não...” e me afastei, e aí me dediquei diretamente lá. Mas não deixava de ir a jogos, de frequentar... Mas também não participava, não ia a sede, para evitar qualquer tipo de problema.

B.H. – Você falou que começou a frequentar estádios com o seu tio, você lembra da primeira partida que você foi?

J.M. – Eu lembro, Corinthians e Santos. E não tinha divisão. O estádio do Pacaembu aqui, você não tinha divisão. A torcida do Corinthians era maior, mas eu vim em uma rodada dupla. Então, era um Campeonato Brasileiro de 1972, 1971, 1972. Eu não lembro direito o ano, o ano às vezes foge. Mas eu acho que era 1972. Era uma rodada dupla. Naquela época tinha até rodada dupla, você vê! Duas torcidas grandes, na época. E o Corinthians ganhou do Ceará no último minuto, um gol que a bola bateu no goleiro e voltou. Eu lembro desse jogo, nossa! A gente sentou no tobogã antigo. E depois a torcida do Corinthians saiu... Tinha o jogo do Santos depois, a gente saiu no meio da torcida do Santos, assim, tocando bateria, tudo. Eu lembro muito bem dessa época. Foi ali que eu me apaixonei mesmo, de vez.

B.H. – Ainda não era no Morumbi, os jogos eram aqui no Pacaembu...

J.M. – Era aqui no Pacaembu, esse clássico, rodada dupla, foi aqui no Pacaembu.

B.H. – Isso nos anos 1960, provavelmente.

J.M. – 1972.

B.H. – Já 1970.

J.M. – Já, 1972.

B.H. – Essa primeira partida?

J.M. – É, eu me lembro dessa partida bem, que o meu tio me trouxe. Antes eu já era e tudo, mas não tinha como vir, entendeu? Minha mãe me segurava, meu pai também. Mas aí meu tio falou: “Não, você vai comigo, e vamos”. Aí comecei a ir a jogos direto, e aí não perdi mais nenhum.

B.H. – E como é que era sair de São Caetano, você vinha de...?

J.M. – Eu pegava o trem, Santos/Jundiaí, descia na Estação da Luz, descia na Barra Funda que tem uma estação ali, e andava a pé a Avenida Pacaembu toda. Morumbi você tinha que

descer na Luz e pegar um ônibus para o Morumbi ali no Anhangabaú. Era esse o trajeto oficial.

B.H. – E muita gente vinha e fazia esse mesmo percurso?

J.M. – Nossa! São Caetano era um... A região do ABC toda, a base ali é... Até hoje, grande parte lá é corintiana. Então, o trem quando vinha, vinha lotado. Então, você acompanhava a galera. Então, eu já em 1973, 1974 eu entrei para os Gaviões, então eu comecei a ir direto para os Gaviões.

B.H. – Na Santa Efigênia.

J.M. – É. Lá na Santa Efigênia. E eu descia na Luz ia para a Santa Efigênia e de lá saia de ônibus com os Gaviões. Para o Pacaembu, Morumbi ou caravana. Comecei a viajar também, para fora do estado do Rio de Janeiro.

B.H. – Em 1974, já havia a Camisa 12, outra torcida do Corinthians. Como é que foi essa escolha? Por que os Gaviões? Já era a maior torcida? Como é que era naquele contexto a sua decisão de ir para...

J.M. – Então, eu me dediquei aos Gaviões através do Andrés. Eu entrei nos Gaviões em 1973, então, tinha essa rivalidade com a Camisa 12. Por quê? Através desse movimento que houve naquela época, dos Gaviões... A Camisa 12, o Cláudio Faria Romero e outros, que fundaram a Camisa 12 eram todos Gaviões. Não tinha a Camisa 12. Quando houve o movimento contra... A chamada Revolução Corintiana, se você procurar você vai ver isso aí, foi a derrubada do Wadi Helu. E aí foi um apoio total, em 1972. Eu participei de alguma coisa, mas eu não era dos Gaviões ainda. Porque o Andrés, era de São Caetano e ele fazia esse movimento lá, de levar nos dias de eleições lá. Em 1972, houve eleição e a gente apoiou o Martinez, Miguel Martinez, na época. Já está falecido já. E aquele apoio total...estava todo mundo junto naquela época, todo mundo. E o que aconteceu? Acabou, a gente conseguiu derrubar. Não deu uma semana, o Miguel Martinez chamou todo mundo para conversar e ele decidiu falar que ele queria acabar com esse movimento e fundar uma torcida oficial do Corinthians. Seria a torcida oficial. Aí ninguém entendeu qual era a ideia dele. Ele não queria alguém... Não, a gente falou assim para ele: “Estamos aí, vamos cobrar o que foi prometido”. E ele, na época, se reuniu com a gente, ofereceu sede dentro do Corinthians, ofereceu mil coisas. E aí o Gaviões levantou da mesa e foi embora, não quis nem acordo. E aí o Cláudio procurou e fundou... Na realidade, surgiu a Camisa 12 através desse... Sendo a torcida oficial.



Por isso que eles chamam os jogadores para a arquibancada... Mas surgiu através desse movimento aí, que a gente... Nossa, na época foi muita confusão com a Camisa 12.

B.H. – Então, os integrantes da Gaviões, em geral, não eram sócios do Corinthians.

J.M. – A grande parte da época da diretoria era. Era sócio do Corinthians.

B.H. – Mas era oposição a diretoria...?

J.M. – Era. O que nós colocamos foi bem claro, a gente apoiou um movimento. Ele tinha que cumprir o que foi... Através desse movimento estipulado lá, o que a gente queria para o clube, para melhorar, para a grandeza do clube. A gente queria isso e a gente ia cobrar na arquibancada, a gente era arquibancada, não era... E ele não aceitou aquilo, ele queria que acabasse aquele movimento e que se fundasse uma torcida oficial. Que seria uma só, ele queria que fosse uma torcida só. E a gente não aceitou isso, que os Gaviões não surgiram para isso. Aí começou, a gente ter essas cobranças. Continuou a gente na nossa, aí surgiu a 12, a gente cobrava a 12 no estádio. Tinham as confusões, mas não as confusões como tem hoje. Tinha um debate, que as vezes não aceitava a oposição que foi feita. Inclusive, na época, o Cláudio foi eliminado da Camisa 12. Está aí até hoje, é uma cara importante para se conversar também. Está hoje aí na... Não sei se está afastado da Camisa 12. Mas, era um cara importante para conversar sobre esse... Ele vai colocar versão dele, lógico. Mas, ele foi afastado na época. Ele, o Cláudio Ribeiro também, que fundou a Coração Corinthiano bem depois. Mas, a grande coisa da época foi isso, de fundar a 12, para tornar uma torcida oficial, paga pelo clube. Compraram instrumentos, bandeiras, então, tinha uma sede dentro do clube, a gente não aceitava isso.

B.H. – Quando você entrou eram essas duas torcidas ou já haviam outras?

J.M. – Não, eram as duas.

B.H. – E aí ao longo dos anos 1970 é que foram aparecendo...

J.M. – Foram aparecendo várias. Aí surgiu a Coração Corinthiano, aí vai um monte...

Mosqueteiros, Falange...

B.H. – Tinha uma relação de torcida com alguma bairro, ou... Como é que era essa decisão de criar uma torcida?

J.M. – Era mais isso que você falou. Era de um bairro, um grupo de amigos se reuniam e fundavam lá. Tinha os Mosqueteiros, tinha a Povão – a Povão foi a terceira torcida do Corinthians. A grande força nossa foi a Povão. Aí, sempre aquela coisa, as torcidas cresciam e queriam sempre se igualar ou se comparar aos Gaviões. Então, cada uma tinha seu espaço,

mas o que ele queriam era sempre passar os Gaviões. Então, juntou Povão com mais duas, com Mosqueteiros, com mais duas, para fundar a Raça Corinthiana. Aí acabou não batendo ideias... Porque ali eram cabeças, quando se juntam várias aí não dá certo. E acabou. E sempre a 12 ia ficando, a Gaviões ia ficando e assim por diante.

B.H. – Antes desse período existe uma memória anterior às torcidas organizadas... Por exemplo, algumas... Como uma torcedora símbolo, a tia Elisa... Já havia torcida organizada antes dos Gaviões ou os Gaviões foi um movimento que se tornou...

J.M. – É o que você falou. O Gaviões foi um movimento que se tornou uma grande torcida, um movimento muito grande de corinthianos que frequentavam o clube e frequentavam a arquibancada e que não tinham direito a nada, então... Mas na época não tinha... Tinham faixas lá, de corinthianos que levavam. Banda não sei do que, torcida da esquina. Mas não uma torcida oficial, não tinha na época. De nome, de renome mesmo, foram os Gaviões, que surgiram na época. A Elisa já era grande torcedora símbolo aquela coisa toda.

B.H. – Tinha algum outro torcedor que era conhecido além dela?

J.M. – Assim não... Não lembro não. Eu desde moleque lembro dela. Dentro do Corinthians...

B.H. – A gente encontra nos jornais nomes como Tamtam. Não sei se isso... Se ele já era conhecido ou reconhecido por vocês.

J.M. – Sim, tinha uma época... Eu não peguei grande parte dele, mas tinha sim. Eu não me lembro muito bem. Eu lembro alguma coisa dele, mas não assim de acompanhar diretamente. A Elisa sim. A Elisa viajava com a gente para o interior.

B.H. – Mas tinha algum rivalidade?

J.M. – Não. Com ela nenhuma. Ela era muito ligada ao clube. Porque era uma senhora pobre, não tinha toda aquela condição. Às vezes ela viajava até no ônibus do próprio Corinthians para o interior de São Paulo. Não, a Elisa não... Tinha aquela coisa, sabia que era uma coisa muito do coração dela. E ela não tinha essa condição toda para ir aos jogos, viajar, como ela fazia. Então, ela tinha até uma ajuda do clube.

J.F. – Ela chegou a viajar com a Gaviões?

J.M. – Chegou. Em 1976 ela viajou com a gente, lá para o Rio de Janeiro. 1976 naquela grande invasão lá, ela viajou com a gente. Que já era o Matheus ali que estava... Porque depois o Martinez se afastou, entrou o Matheus. Em 1976 já era o Matheus.

B.H. – 1973, 1974 então é o ano em que você se recorda de ingresso, de aproximação com os Gaviões. Quem eram as figuras, naquela época que lideravam a torcida?

J.M. – A figura principal que eu segui de ideologia dos Gaviões é o Flávio La Selva. O Flávio era o mentor de tudo, da Gaviões... Toda a ideologia dos Gaviões que eu segui e que todos, até hoje tem seguimento é o Flávio. O Flávio é esse braço forte de ideologia, de palavra, de contatos com autoridades, de policiamento, público, de imprensa, era o Flávio. O Flávio tinha esse dom de falar, de discutir, de argumentar. E, do outro lado, você tinha o Joca. O Joca também era estudante, eram amigos, juntos, da época, da Mooca. O Joca não, o Joca era diferente, era o guerreiro. O Joca era aquele cara... O Flávio não era muito de viajar, o Joca era o braço da arquibancada. O Flávio era aquela questão mais nossa ideológica política. O Flávio era advogado, estava se formando naquela época toda. Já era conselheiro do Corinthians, o Flávio na época. Então, o Flávio era o nosso elo de ligação nossa. Tudo o que acontecia dentro do clube, a gente participava diretamente com o Flávio. Agora, o Joca não. Você ia na arquibancada, você via o Joca na arquibancada, ele que comandava toda... Ele era o líder... Não só. O Joca também tinha o dom dele, de palavra, de argumento, mas tinha força, chamada força física. Ele estava presente, estava no dia a dia, em cada jogos. Então tinham esses momentos. Eu aprendi basicamente com esses dois. A parte de ideologia e a parte de força. Força, que eu digo, não só fisicamente, de você reagir fisicamente. Mas de se impor. O Joca tinha essa questão de discutir. Na época, você não podia discutir muito com polícia, argumentar. Polícia não tinha ideia na época. Na época você não tinha ideia com batalhões. Mas o Joca tinha... Quando tinha uma briga na arquibancada, o Joca era o primeiro a descer, os comandantes já conheciam ele. Então, o Joca tinha esse lado de argumentos, sabe? Ele conseguia vender água por vinho. Sabe aquele cara que vai falar meia hora com você... Hoje não está mais presente, lógico. Mas o Joca, meu Deus, foi um cara que eu aprendi muito com ele. Mas o Flávio foi o meu mentor.

B.H. – Ele faleceu quando, o Joca?

J.M. – O Joca foi em...

B.H. – Porque o Flávio foi no final dos anos 1980.

J.M. – 1988, o Flávio. O Flávio, quando ele tinha realizado o grande sonho nosso também, não é? Na época, o Flávio chegou a diretor de futebol do Corinthians. Junto com o Jacques Terpins, da época, e estava surgindo também o Paulo Garcia, que era o terceiro homem. E o grande sonho nosso era um dia... O nosso principal ponto é o futebol, era ver o Corinthians... E a gente conseguiu naquela época, junto com o Jacques pegar a diretoria do futebol. Mas foi na época que o Flávio ficou doente e aí ele teve que afastar. E aí ficou o Jacques e o Paulo. E

não deu muito tempo o Jacques teve um ataque fulminante no coração, o Jacques Terpins. O irmão dele tem até hoje... Não, alias, desculpa, estou confundindo. O Jacques está vivo até hoje, vocês vão me desculpar. Era o Sérgio Terpins. O Jacques está vivo até hoje. E todos eles, os irmãos Terpins da época, todos eles tinham problema no coração, o Jacques tem também, todos. Os outros dois também morreram do coração. O Sérgio Terpins morreu dentro do Corinthians em 1988 ou 1989, quando ele trouxe, a primeira vez, o Corinthians da Inglaterra para jogar aqui. Foi naquela época, ele estava apresentando o clube para os jogadores e morreu dentro do clube, um ataque fulminante. Novo ele.

B.H. – O Joca você não lembra quando?

J.M. – O Joca, deixa eu ver... O Joca foi em oitenta...

B.H. – Também nos anos 1980?

J.M. – Anos 1980 também. Foi um período nosso... Em 1988? O Joca deve ter sido em 1990... Deixa eu ver. 1989, 1990, o Joca, viu? Nessa época. Se eu me lembro bem. É, é por aí, isso mesmo.

B.H. – Você descreveu nesses anos 1970, a rodada dupla, as torcidas saíam quando a outra estava entrando. Nesse período em que você ingressou na Gaviões, como é que era o grau de rivalidade, segue um pouco os padrões de hoje? A rivalidade principal do Corinthians e dos Gaviões era com que torcida, com que clube?

B.H. – Não. Vou te falar sério, na época, o grande forte nosso, a grande torcida de rivalidade, na época, nossa não era nem Palmeiras, nem São Paulo, era o Santos. Que a grande força de torcida que surgiu logo após a Gaviões foi a Torcida Jovem do Santos. A grande força de torcida. A TUP<sup>1</sup>, na época surgiu, mas a TUP era uma coisa mais ligada ao clube. Era quase igual foi a Camisa 12, a TUP era um pouco ligada. A Independente não existia na época, existia a TUSP<sup>2</sup>, do Hélio Silva, então, era uma torcida também ligada ao São Paulo. A Independente veio depois. Então, não tinha grande rivalidade de confrontos não. A gente tinha mais rivalidades fora de São Paulo do que internamente. E a grande rivalidade nossa, na época, era a Torcida Jovem do Santos. Uma porque também, a Gaviões se tornou bloco carnavalesco e a torcida jovem em seguida, também se lançou. E essa rivalidade cresceu extra

---

<sup>1</sup> Torcida Uniformizada do Palmeiras.

<sup>2</sup> Torcida Uniformizada do São Paulo.

até futebol. Então, muita gente acha: “Na época não...”. Não, na época a grande rivalidade de torcida, de foco de torcida, era Gaviões e Torcida Jovem do Santos. Porque nas outras torcidas não tinham esses grandes... Isso se você quer saber outra torcida que... Era a Leões da Fabulosa. A Leões era fogo. Era um grupo de 15, 20, mas os 15, 20 eram complicados. Era difícil. Aquele ali era um grupo forte, unido... Mas a Leões era forte também. Mas você vê, é bem diferente do que está hoje. Foram surgindo as outras, mas sempre com aquela ideia que eu coloquei de início, que o que aconteceu dentro da torcida do Corinthians era suplantar os Gaviões, era querer ser mais fortes que os Gaviões, então ia surgindo na época, para confrontar. Não era só para igualar, era confrontar os Gaviões. E aí surgiram movimentos que não eram mais ligados nem ideologicamente, eram mais ligados a confronto. Aí a palavra exata é essa, então, na época era... Não que a gente fosse soberanos, a gente tinha um movimento sério dentro do clube, de reivindicações. Então, não tinha muito essa questão de você criar esses confrontos. Você podia até ter alguma coisa, alguma confusão, alguma briga, uma briguinha de esquina, mas nada encontros, confrontos marcados, como existe hoje. Porque não existia essa questão de querer uma se suplantar a outra, ou querer ser superior a outra, ou querer denegrir a outra. Hoje em dia é mais isso, é querer ser mais forte, usar a parte física como se fosse a coisa mais importante, antigamente não tinha isso não, era mais você... Tinha uma questão de uma festa de arquibancada, de você encher o estádio, de quanto mais bandeira você levar. Disputava com a Torcida Jovem quantas bandeiras a Torcida Jovem levava, os Gaviões levavam, então... A própria TUP levava um monte de bandeiras, então não era aquela questão de saber, ou de confrontar, ou qualquer coisa parecida. Era mais essa briga dentro de festa, não é?

B.H. – Tinha papel higiênico...

J.M. – Sim, tinha tudo. Tudo era liberado, fogos, rojões, não se proibia nada. Mas aí o tempo foi passando foi se criando regras por causa da... Se usou esse tipo de material para agressões. Então, aí o policiamento começou a entrar, as autoridades começaram a entrar. E não tinha essa questão, podia até ter uns confrontos, mas não tinham mortes, não é? Se você pegar, se você puxar um levantamento aí para trás, as mortes começaram a partir de 1991. Acho que um dos primeiros foi o Rodrigo de Gasperi aqui no campo do Nacional, um confronto que houve entre Corinthians e São Paulo, dali que começou a aparecer a morte no estádio de futebol.

B.H. – E logo que você entrou na Gaviões você já começou a participar de caravanas?

J.M. – Sim.

B.H. – Você se lembra da sua primeira caravana?

J.M. – Olha, a minha primeira... Eu fui a uma antes, 1973... Eu fui a uma antes com o meu tio, mas eu não era da Gaviões, em 1972, no Rio de Janeiro, Corinthians e Botafogo.

B.H. – Uma semifinal.

J.M. – Uma semifinal do Campeonato Brasileiro. Não era nem semifinal, que não tinha ida e volta. A gente foi decidir um jogo lá, tinha que ganhar para disputar a final com o Palmeiras. E a gente acabou perdendo, sendo muito roubado lá, Sebastião Rufino, nunca esqueço o nome desse juiz, até hoje, não esqueço. [Risos] Era o Ado também o goleiro, também o Ado entregou o jogo naquele dia, também. Mas houve um pênalti não marcado também, houve um gol anulado do Baldochi. Aquele jogo foi terrível. E só tinha um jogo... E nesse ano a gente ganhou do Palmeiras, o Palmeira era o time a ser batido, aquela academia que eles formaram na época, 1972, 1972, 1974. Que era imbatível o time do Palmeiras, foram bicampeões brasileiros. Não ganharam a Libertadores, porque a Libertadores era terrível na época. Mas, eu me lembro que a minha primeira viagem foi essa, eu fui de carro com meu tio. Nossa, eu chorei muito, aquele jogo foi terrível. O Corinthians jogou muito.

B.H. – Vocês iam de camisa?

J.M. – Camisa, sim. Mas ficamos no meio dos Gaviões. Era um jogo à noite, quarta feira à noite. Eu lembro como se fosse hoje. E, pelos Gaviões, eu viajei, a primeira foi em 1974, mas aí foi interior aqui de São Paulo, Campinas. Aí sim, no interior era... Porque não tinha negócio de divisão. Nem assim... Não tinha essa questão. Antigamente, você ia pegava o ônibus aqui e chegava lá na cidade. Lá você tinha que comprar ingresso junto com todo mundo, não tinha divisão de nada, você entrava com a cara e com a coragem. E o pessoal do interior era muito bairrista. Lá se torcia, tinha o XV de Jaú, tinha a torcida do XV de Jaú, tinha torcida. Então, você tinha que chegar lá no seu ônibus, encontrar seu espaço, a polícia não dividia espaço nenhum lá não. Naturalmente, as coisas aconteciam, não é? Mas não eram coisas de você brigar para matar a pessoa que está ali. Brigava... Brigava no bar, ali. Por: “Ah, camisa”. Mas não se levava para o lado de o cara cair no chão e você chutar a cabeça do cara. Existiam as confusões, de você ganhar até o espaço. Que a gente ia para o interior, não tinha. Um dos piores lugares que tinha para ir é Campinas, a torcida da Ponte Preta, como é até hoje. A torcida da Ponte é triste. O Guarani não, mas a torcida da Ponte é complicada. E a gente entrava junto com a torcida da Ponte, juntos. No mesmo portão principal, não tinha

“entra no fundo”, “a polícia leva por aqui”, não. Tinha que entrar junto. Você imagina, duas torcidas entrando juntas. Meu deus do céu. Mas todo mundo voltava para casa. Com um arranhãozinho aqui, mas nada de ir para o hospital ou sei lá, qualquer coisa parecida.

B.H. – E para jogos desse tipo eram quantos ônibus da Gaviões?

J.M. – A gente sempre viajou em bastantes ônibus. Nunca foi assim um ônibus, dois, não. No mínimo eram dez ônibus. Era aquele grupo bem unido, bem forte mesmo.

B.H. – A Gaviões chegou a ser proprietária, ela tinha o ônibus para fazer...

J.M. – Tinha, esse ônibus que você fazia Pacaembu... Ainda tem, hoje ainda tem.

B.H. – O restante vocês alugavam...

J.M. – Até na época, tinha uma empresa que a gente viaja só em uma empresa. Eles até sabiam, eles guardavam os ônibus lá, que quebravam vidro toda hora, então eles já sabiam: “esse aqui vai viajar com os Gaviões”. Então, nem alugava. Era a Zefir, não sei se existe até hoje. Acho que a Zefir acabou. A Zefir era a empresa que fornecia... A empresa oficial. Inclusive a gente fez um jornalzinho, na época. Surgiu o jornal *O Gavião*, a Zefir patrocinava esse jornal, isso foi muito divulgado. A gente fazia distribuição nos estádios, tinha o jornal *O Gavião*, era muito legal esse jornalzinho. Pena que não tem mais.

B.H. – Então, você acompanhou essa dupla transição, primeiro quando a sede mudou da Santa Efigênia e foi para o Bom Retiro...

J.M. – Peguei, peguei. Lá eu pus meu braço, lá dentro, também. O que acontecia, a gente precisava de pedreiro, a gente pegava e pregava na sede um anúncio lá, ou no jornalzinho. Todo mundo que ia trabalhar lá, era dos Gaviões. Então, pedreiro era... Só alguma coisa que você tinha que contratar... Mas essa parte interna, burocrática era tudo com o Flávio. O Flávio, na época, tinha contatos com vereadores. O Flávio que fazia essa transição. Então, quem conseguiu esse terreno para nós, hoje lá, era o presidente do Rosas de Ouro. Os irmãos Basílio, e um deles era um corinthiano que era o Edmundo, aí o Edmundo conseguiu esse terreno lá, através de doação. Mas a gente ficou pagando um aluguel simbólico, depois virou comodato, aquela coisa toda. Tudo através de conversas políticas. E a gente, através do Flávio, que tinham esses contatos políticos com vereadores, a gente conseguiu esse terreno lá no Bom Retiro. A gente escolheu lá, porque lá foi onde basicamente o Corinthians foi fundado. Tinham outros lugares para a gente escolher, mas a gente acabou escolhendo lá. Por essa ligação com o Corinthians.

B.H. – Pelo simbolismo.

J.M. – É. A gente começou a construir lá em 1975. Foi aos poucos. Em 1976, a nossa primeira caravana que saiu de lá foi a de Porto Alegre, que foi a semifinal do Campeonato Brasileiro...

B.H. – A final.

J.M. – Não, desculpa, a final. A semifinal a gente saiu lá da Santa Efigênia, do centro lá, que foi um monstro aquela caravana.

B.H. – Hoje ganhou uma proporção quase que mítica, falar da invasão corinthiana ao Maracanã.

J.M. – Não tem como não falar. Ali foi o ponto dos Gaviões de ter mil e poucos sócios na época, foi para sete mil, oito mil sócios na época. Foi uma explosão muito grande, um crescimento... Nós fomos naquela época com mais de duzentos ônibus. E era uma época de paixão de futebol, é bom lembrar dessa época, tinha aquela disputa do Matheus com o Horta<sup>3</sup>, mas era sadia. Que hoje é impossível fazer uma questão como eles faziam na época. O futebol era mais romântico, tinha toda essa questão romântica do futebol que acabou pra caramba, hoje o futebol está muito burocrático, muito... Sei lá.

B.H. – Então você participou dessa caravana e como é que foi você chegar no Maracanã e ver o anel dividido, praticamente, foi uma surpresa também para os corinthianos ou vocês tinham a expectativa de que...?

J.M. – Não, porque é o que eu estou te falando, essa coisa toda que houve em 1976, da ascensão do Corinthians, do Matheus, tudo. Havia aquela guerra sadia entre os dois. Então, o que acontecia, o Matheus... “Ah, manda 10 mil ingressos, manda...”. Aí o Horta ficava desafiando ele, “Se você conseguir vender tantos ingressos, eu vou mandar tudo para São Paulo”. Aí ele ficava mandando, e a gente ficava enchendo o ônibus aqui. Vendendo aqui e o corinthiano comprando, a gente... Ali na Santa Efigênia, parou a Santa Efigênia, de tanto vender, fazia fila. Parecia fila de INSS, aquelas filas enormes, era o dia todo, a noite toda, aquelas filas vendendo ônibus. Não só nós como a Camisa 12, a Coração, na época já tinha surgido a Coração.

B.H. – Diz que a própria prefeitura separou ônibus para...

---

<sup>3</sup> Referência ao então técnico do Corinthians, Vicente Matheus e o, então técnico do Fluminense, Francisco Horta.



J.M. – Sim. Foram tudo... Todas as empresas procuraram a gente. A hora de sair foi complicada.

B.H. – Quando terminou o jogo?

J.M. – Não, daqui de São Paulo. Juntar todos aqueles ônibus ali, porque basicamente... Uma parte partiu ali da Marginal, que a gente já tinha conquistado uma sede ali. A gente conseguiu mandar uns ônibus para baixo e uma grande parte saiu ali do Centro, do Teatro Municipal. Então, foi... Nossa! Parou São Paulo, para sair os ônibus, no Anhangabaú, a gente fez saída de tudo que é lugar, mas foi, uma coisa... Só você estando lá na hora. Eu fui um dos últimos a sair aqui de São Paulo. E o meu ônibus, eu estava no ônibus das bandeiras, e tinha que levar todo o material para passar pelos ônibus, então quando nós chegamos, todos os ônibus já estavam estacionados, mas antes, quilômetros e quilômetros antes do Maracanã. E você via toda aquela multidão indo a pé, e nós demoramos, eu acho que duas horas da avenida antes de passar à ponte que ligava ao... Umas duas horas só para entrar, de tanto volume de corinthiano que estava chegando, para a gente chegar com o material lá. Porque o meu ônibus foi o último a chegar, nós demoramos para sair daqui de São Paulo. Quase o nosso material se atrasa, e estava chovendo, uma chuva que caiu antes do jogo. Uma chuva tremenda! E foi um negócio marcante. Eu, graças a deus, participei de três, eu tenho muita coisa para contar. Eu participei das três invasões aqui e tenho muita coisa para contar. Mas essa foi a principal. Você estar naquela multidão toda, 70 mil, 80 mil corinthianos lá. Alias eu não vi camisa do Fluminense, eu só vi lá dentro. Eles tiveram uma entrada do outro lado e a gente entrou pelo portão principal. Mas não tinha, quando entrou você via que estava tudo misturado. Não tinha briga, vou te falar, não tinha. A torcida do Fluminense passava entre a gente, eles iam para o lado, iam para cá. Não tinha briga.

B.H. – É, nas imagens de televisão, a gente até identifica camisa do Vasco, bandeira do Flamengo, do América.

J.M. – Era Vasco, Flamengo, tudo misturado com a gente. Não tinha essa rivalidade que hoje se criou. Não se pode andar com a camisa do... Hoje até do Flamengo, no meio da torcida do Corinthians. É um negócio que eu não entendo. Eu vou lembrar para vocês, já mais para frente, não é? Uma coisa do Maracanã, um Corinthians e Flamengo, na época do Márcio Braga, vocês lembram? Que surgiu a Fla Fiel. Eu lembro [inaudível] para esses moleques: “Eu não acredito”. O jogo não valia nada, Corinthians e Vasco. Nós perdemos de cinco a um aquele jogo.

B.H. – Do Roberto?

J.M. – Nossa, o Roberto fez cinco gols. Ele estava voltando do Barcelona. O Márcio Braga... O jogo não valia nada, porque Corinthians e Vasco já estavam classificados. E Flamengo e Bangu foi o jogo... Foi a rodada dupla. Tinha cento e poucas mil pessoas naquele jogo e não valia nada. Foi mais pela promoção Fla Fiel, não sei o que. Olha, ele conseguiu lotar aquele Maracanã. E, hoje, você vê uma rivalidade que existe, o corinthiano não aceita ser amigo do Flamengo. Ou uma camisa do Flamengo no meio da torcida do Corinthians. Nenhuma, alias, virou um negócio meio... Que às vezes eu não aceito. Porque você viveu lá atrás uma coisa diferente, você fala: “Caramba!”. Tudo bem, não usar o verde, como é proibido, também não. Nunca usei verde e nunca vou usar. Mas, caramba, você já teve uma amizade com a torcida do Flamengo. Aí falar: “Virou amigo do São Paulo”. Sabe aquelas coisas que não tem nada a ver? Não sabe nada de história, os caras precisam dar uma revirada nas histórias, para saber, não é? É complicado. Mas foi uma bela caravana a de 1976. Inesquecível para quem foi, com quem você for conversar você vai saber. E a seguinte também, a de Porto Alegre. Mas em Porto Alegre a gente foi muito mal recebido lá, diferentemente do Rio de Janeiro.

B.H. – Talvez porque já tinha essa notícia da invasão, era uma final...

J.M. – O prefeito do Rio fez um contato, falou que a gente destruiu coisas lá no Rio, na praia fez sujeira, quebrou monumento, uma coisa nada a ver. É que era muita gente. Chegou gente antes no Rio. Claro, todo mundo bebia, na época era coisa de farra beber. Mas não que eles destruíram a cidade do Rio de Janeiro. Quando a gente chegou em Porto Alegre, tinha um sistema de prevenção, não podia nem entrar na cidade. Seguraram os ônibus fora da cidade de Porto Alegre, aí levaram lá para o estádio do Grêmio. Mas já aquele policiamento, exército esperando a gente. Uma coisa mais... Ali já começou um clima pesado, de rivalidade, que a gente criou com o Inter, entendeu? Ali começou. Pelo clima em que foi recebida a torcida do Corinthians lá.

B.H. – E uma viagem muito mais longa do que para o Rio de Janeiro.

J.M. – Longa, lógico. Mas a gente chegou lá e foi muito mal recebido em Porto Alegre, e para sair, aí sim aconteceu muita coisa grave. Porque não tinha sistema de saída, de policiamento, deles acompanharem. Eles levaram a gente para o estádio do Grêmio, eles entravam no ônibus e os ônibus iam saindo. Então, teve ônibus que se perdeu e caiu no meio da festa da torcida do Inter, para você ter uma ideia. Então, os ônibus voltaram todos eles quebrados, todos. Teve ônibus que ficou lá, porque caía no meio do centro de Porto Alegre,

ninguém conhecia caminho lá. E os ônibus iam saindo e os caras comemorando o título de 1976, campeão brasileiro. E teve ônibus que foram destruídos lá, jogaram coisas, pedras, muita gente machucada. Nesse jogo teve muita gente machucada, muita gente com sequelas até. Que foi muito grave mesmo.

B.H. – E todo esse envolvimento com o Corinthians, com a Gaviões, com viagens, dava para conciliar com trabalho, ou a partir de determinado momento era uma coisa ou outra?

J.M. – Não, dava sim. Meus pais pegavam no meu pé, mas dava sim. Mas eu era muito fanático, era uma coisa de gostar muito, de não ter como não ir. Em 1977... Não aí nesse período não tinha muito isso de perder trabalho. As viagens eram mais de fim de semana, poucas viagens eram de meio de semana. E eu ainda, em 1976, pertencia a caldeiraria São Caetano, onde eu trabalhava. E eu conseguia conciliar bem, só não estudava. Eu não consegui estudar mais, perdi o colégio, eu não estudei mais. Parei aí, minha escolaridade parou aí. Para frente teve consequência, eu fui mandado embora do emprego, isso já em 1978. Mas, teve 1977 na frente, que foi maravilhoso. Foi o título paulista, foi uma campanha muito bonita também. Mas, eram uns campeonatos longos, de 1977, três turnos, decidia no quarto turno, não sei o que, oito turnos...

B.H. – O campeonato estadual era mais longo que o próprio brasileiro. Era o principal campeonato.

J.M. – Que o próprio brasileiro. Era o principal campeonato da época. E além de tudo, desse período todo que eu te falei, a torcida do Corinthians só foi crescendo. Essa época 1976, acho que o crescimento maior foi nessa época, 1976. A torcida cresceu muito, muito. E cada vez que se perdia títulos, parece que crescia mais. A frequência no outro campeonato era maior. E você vai se apaixonando por isso. Uma coisa de fidelidade, você vai se envolvendo. Não tinha como o garotinho de criança, não... Ah! O ganhador da época era o Palmeiras, o São Paulo, o Santos, tinha o Pelé. Mas o grande tchan da coisa era o Corinthians. A fiel torcida, o time do povo, como era na época, o time do povo.

B.H. – E com essa, então, direção do Vicente Matheus a Gaviões conseguiu entendimento? Como é que foi a relação nesse momento?

J.M. – Foi meio conturbado também. Porque o Matheus, todos eles, tem um tipo de... O Matheus participou da época da gente retirar o Wadi Helu. Ele sabia da lição que a gente... De não, de um cara não ser o dono. E o Matheus virou a casaca e quis ser dono do Corinthians. Ele era folclórico e tudo, mas ele queria ser o cara lá. Tanto que ele colocou a

mulher dele, depois, para presidente e tudo. O Matheus também... De todo corinthiano [inaudível]. A gente foi contra desse personalismo dele não abrir as portas, dele querer ser o Wadi Helu antigo. Isso aí, tudo bem que o Matheus tinha outro tipo de administrar o clube. O clube não devia tanto, na época, quanto devia no Wadi Helu. Não tinha conotação política, o Wadi usou o clube muito para se candidatar na política, foi político por anos e anos. O Matheus não tinha esse lado não, a única diferença dos dois. E administrativamente o Matheus não era muito de deixar o clube devendo, essas coisas, o Matheus era um pouco mais coerente. Mas ele não gostava de abrir mão da cadeira. Gostou da cadeira, sentou lá e não queria levantar mais. A gente brigava contra isso, a gente era contra o continuísmo. Você vê, você pega os Gaviões hoje, nós estamos com 45 anos, são vinte e poucos presidentes. Não, desculpa... É, é dois anos nosso mandato. Só eu e o Magrão, o Luís Antonio que tivemos dois mandatos, mas distintos. O restante, cada um cumpriu seus dois anos e acabou. Que a gente é contra o continuísmo, e o Matheus ia continuando. Mas tinha uma relação boa com o Matheus, sim. Sempre teve. Mas se cobrava ele muito.

B.H. – Você gostava, naquele momento, de carnaval, já acompanha o carnaval? Eu pergunto por conta da criação do bloco Gaviões da Fiel, que é desse período do final dos anos 1970.

J.M. – Eu nunca fui muito fã de carnaval não. Eu era muito ligado ao rock, da época antiga, Led Zeppelin e aí por diante. Aí eu entro nos Gaviões, e os Gaviões tinham o movimento do bloco, que surgiu em 1976, não é? O nosso primeiro desfile oficial, 1976, mas antes a gente já participava dessas... Da Record tinha um concurso de bandas de fanfarra, na época, em 1975, desfilava aqui na São João. E a gente participou em 1975, desse concurso, até ganhamos esse concurso, na época. E tinha a UESP, na época, e o Flávio sim, era ligado ao carnaval... Tinha o Angelo Flazanela que era presidente da Vaivai e ele era ligado aos Gaviões também. Aí o Angelo colocou essa ideia para o Flávio, para o Joca, para o Júlio: “Por que a gente não faz...”. Porque o que acontecia, no período de carnaval a gente se dispersava um pouco. Chegava dezembro, acabava o campeonato, começava em fevereiro. Na época do carnaval, o que a gente fazia? Para não se dispersar, o pessoal reunia um grupo e desfilava no Vaivai. Aí formou uma ala grande no Vaivai, 200, 300 caras desfilavam no Vaivai. Uma ala todinha no Vaivai. O Chiclé, que era corinthiano, na época era presidente do Vaivai. Tinha o Tadeu, o Tadeu que é hoje diretor de bateria, ele foi diretor de bateria dos Gaviões, o primeiro diretor nosso de bateria foi o Tadeu. E a gente... Aí na UESP surgiu esse negócio de bloco, desfile de bloco. Aí a gente entrou. E o Tadeu que hoje é do Vaivai, da

bateria do Vaivai, foi nosso primeiro diretor de bateria. O Chiclé, todo mundo desfilava, todo mundo que era do Vaivai desfilava no... E aí começou o bloco, aí eu também entrei no embalo, “vamos lá desfilar”. Os Gaviões estavam na parada, eu vestia a camisa dos Gaviões, vamos desfilar. Aí você vai gostando, mas eu nunca participei assim... Se você falar: “Você frequenta outras escolas?”, “não”. Eu vou nos Gaviões, eu gosto de sair nos Gaviões. Tem uns caras que convidam: “Vai lá no Vaivai”. Nunca sai no Vaivai, tem amigos meus que saiam no Vaivai, gostavam de sair, mas gostavam de carnaval. Eu nunca me liguei fortemente ao carnaval. Eu gosto do carnaval dos Gaviões, essa é a realidade. Você falar para mim: “você já saiu em alguma outra escola?” Eu nunca sai.

B.H. – Continua curtindo rock.

J.M. – Continuo curtindo meu rock. Os antigos, os novos não dá para curtir não. Eu curto muito é o Pink Floyd, essas coisas todas. O mais novo que eu curto é o Metálica, que eu acho que ainda dá para ouvir legal. Tem uns sons aí meio... Que não dá para curtir não. Dos rocks pesados, não é? O Iron Maiden que eu acompanho desde 1982. Eu sou fã forte do Iron Maiden. Todos os shows que veio aqui no... Só não fui no show no Parque Antártica, que eu não entro no Parque Antártica e ele fez show lá no Parque Antártica. Mas todos os show que o Iron Maiden fez aqui em São Paulo e no Rio. Eu lembro no primeiro Rock in Rio que eu fui ver o Iron lá, o ACDC, aquilo lá foi fantástico, o de 1985, inesquecível.

B.H. – Também choveu...

J.M. – Inesquecível, lá não vai ter outro igual. Aquele foi o primeiro, quem tem... Acho que até estavam falando, outro dia, fizeram o documentário, quem puder dar uma olhada nesse Rock in Rio, aquele foi o Rock in Rio mesmo. Os depois não sei se foi tanto não. Mas eu nunca fui assim ligado. Aí o que aconteceu? Você que é um cara de arquibancada, você tem que tocar algum instrumento. Ou você vai lá para gritar, mas tem sempre a bateria ali no meio. Aí eu comecei a tocar, aprendi a tocar nos Gaviões, e você é um líder de arquibancada você tem que estar tocando o surdo, todo mundo te acompanha, os coros que você vai fazer. Então, aprendi a tocar, saí na bateria, fui diretor de bateria também.

B.H. – E você comentou que inicialmente seu setor era de bandeiras. E você foi...

J.M. – Então, aí foi a sequência, no torneio das bandeiras, 1976... Aí o que aconteceu, em 1978, final de 1977, eu estava muito envolvido na questão da política lá. E a gente, na época, tinha greve forte que aconteceu em 1978, lá dos metalúrgicos. E todos os sindicatos participaram, na época, no ABC. Então, foi uma greve forte, 1977, 1978. E eu fui um dos

líderes sindicais lá. E quando houve o fechamento dos sindicatos, a intervenção, eu estava dentro do sindicato. Aí eu vim preso para cá, para o DOPS e o caramba. Aí eu fiquei cinco dias aqui, minha família veio e me buscou. Aí eu fui mandado embora e não conseguia mais emprego, não conseguia mais nada. Eu tive até que ficar seis meses na casa de parente. Porque os caras ficavam passando em casa, sabe aquelas coisas? Aquelas coisas psicológicas da época. Então, como eu temia muito pela minha família, na época eu me afastei desse movimento. Porque começou a ser pesada a coisa, de atingir família. Então eu via que não ia só atingir a mim, mas minha família, meus irmãos, a família grande. Aí eu me afastei, e vim a me dedicar mais aos Gaviões. Me afastei um pouco lá de São Caetano, do ABC. E aí houve uma mudança na diretoria dos Gaviões, em 1978, 1979, e eu estava desempregado. Tem lá os secretários, porque não tem muitos funcionários, hoje tem até mais. Hoje tem até mais, porque o cara para se dedicar profissionalmente... Tem o lado profissional, para se dedicar lá nos Gaviões é complicado, não dá. Hoje daria para mim, que sou taxista, não tenho horário. Mas, na época, cada um tinha seu lado profissional, o Joca tinha, o Flávio, mas eles se dedicavam mais a noite, alguns períodos. Agora, o que aconteceu, houve essa mudança diretiva e eu fui colocado na secretaria, aí eu fiquei como funcionário dos Gaviões. Um certo tempo lá eu fiquei funcionário. Trabalhava... Eu que atendia sócios, vendia adesivos, fazia inscrição dos sócios. Era uma sala pequena, hoje não dá, hoje não comporta, que é um grande número, mas dava tranquilo. E eu fiquei um bom tempo trabalhando lá e eu me aprofundei ainda mais nos Gaviões, porque além de me ajudar nesse lado financeiro, eu ficava lá praticamente 24 horas. Aí eu viajava direto, não sei o que, não sei o que lá. Aí não teve mais jeito, minha vida virou lá dentro. Aí que eu virei 90% lá, minha família me via a cada três meses, minha mãe me ligada: “Onde você está? Está vivo?” Era assim, sabe? Foi mesmo, foi um período da minha vida que foi assim.

B.H. – Vamos fazer só uma pausa para trocar...

[FIM DO ARQUIVO I]

B.H. – No momento em que a dedicação em que o Corinthians e a Gaviões foi...

J.M. – Aí foi total. Porque eu conciliei uma coisa com a outra, praticamente. De ter um lado financeiro, em que você recebia, os Gaviões me pagavam. E você conseguir viajar, ir a todos os jogos, tudo. Tem essa facilidade. Porque eu tinha lá condição de tempo, tudo. E financeiro também que eu recebia para ficar lá das dez às oito da noite. E eu continuava morando em São Caetano, nunca sai de São Caetano, minha família sempre morou em São Caetano, sempre sai de São Caetano. E é o que nós falamos desde o início, você passa por departamento de bandeira, você vai para a bateria, você vai para líder de arquibancada, aí seu nome vai crescendo, você vai e participa do conselho, aí você começa a ser um nome: “Ó, Dentinho é conhecido, o Dentinho é um cara visualizado, o Dentinho tem que ser presidente”. Mas lá sempre se respeitou a hierarquia, não é? Que hoje lá não tem, hoje tem uma disputa política, na realidade. Tem uma disputa de eleição, de grupos. Eu acho que isso é muito bem claro, bem adulto para falar disso. Muito bem claro. Hoje tem uma disputa de eleição, de contar votos. Antigamente não, sabia: “Ó, vai ser você, o Joca, depois vai ser o Flávio, depois o Júlio, o Andrés, o Viana, o Lucas”. Tinha a sequência exata. O Magrão, entendeu? O Robertinho Daga. Então tinha aquela sequência. Todo mundo sabia que a sua hora ia chegar. E aí, nunca se discutiu. O conselho decidia: “Ó, quem vai ser o presidente é o fulano, está na hora dele”. Então, teve um momento em que... A primeira eleição que teve nos Gaviões, foi porque não teve esse acordo. Eu acho que a partir dali, da primeira eleição que teve lá, que começou a coisa a crescer em nível pessoal. Ver mais o lado pessoal do que de grupo, de um grupo só. A primeira eleição que teve foi em 1987, nos Gaviões. Através de votos, de associados. E foi lento, normal, quem perdeu aceitou, naturalmente. Mas aí começou a primeira disputa, e quando sai a primeira, as próximas...

B.H. – São mais tensas.

J.M. – Aí as ideologias mudam. Não as ideologias, mas os pensamentos mudam. “Eu já não penso mais igual ao Dentinho, eu já não penso mais igual ao Miranda, ao outro”. Ou então, “ah não, vamos fazer, é melhor ser esse hoje...”. Aí começaram a ter as disputas, eu acho que ali começou a ter um diferenciamento. A ocorrência da morte do Flávio, aí depois o Joca, então as bandeiras nossas morrem. Aí eu acho que eu senti que a coisa já partia para um lado de disputa mesmo, diferenciada.



B.H. – Desses presidentes anteriores da Gaviões quem mais te marcou, te influenciou. Eu pergunto isso porque antes de iniciar a gravação você mencionou o nome de Júlio, que é uma pessoa importante para você.

J.M. – É. O que mais me marcou mesmo, foi o que eu te falei no início, foi o Flávio. Eu tive uma convivência muito forte com o Flávio. Porque o Flávio era aquele cara... Ele fazia todo o bastidor nosso. Mesmo depois que ele trabalhava, na câmara, foi assessor político e tudo. Ele ligava todos os dias. Eu chegava na quadra nove e meia, dez horas, o Flávio ligava dez horas em ponto. Ele queria saber tudo o que acontecia, tudo. Tudo o que estava acontecendo, ele passava tudo o que tinha que fazer, de documentação que tinha que fazer... Essa parte todinha o Flávio nunca deixou. Então, o contato maior que eu tinha, diário, era com o Flávio. O Flávio era aquele cara que [inaudível] ligava para mim. Para você ter uma ideia eu tenho o telefone da época de 1980, 1981... Eu tenho o telefone dele na minha cabeça, porque eu chegava lá eu tinha que ligar para ele. É um telefone que eu nem sei se existe até hoje. Posso falar? Eu vou falar, é 925177. Eu não esqueço nunca. Sabe aquela coisa todo dia? Você liga todo dia, então grava-se esse número na cabeça. E o Flávio era isso, um cara que me marcou bastante o Flávio. O Joca vem depois, pela liderança do Joca. O Joca era aquele líder nato. Eu acho que de todas... Você pode citar de todas as torcidas, o Joca era acima de todos. Independente de ser de outras torcidas, não tem igual o Joca. O Joca era um cara completo. Além de ter dom de falar, ele era super inteligente, era estudante, formado. O Joca tinha aquela questão de liderança, força... O Joca falava você tinha que parar para... Se ele falava: “Olha, Dentinho, você está errado”. Você tinha que ouvir: “Pô, se o Joca está falando que eu estou errado, tem alguma coisa que está errado”. Então, o Joca era esse tipo de liderança. O Flávio era a questão ideológica, mas o Joca tinha as duas coisas. O lado ideológico, o lado de falar, mas o lado força também, o Joca também era esse lado.

B.H. – Quando você entrou na torcida, o lema “Lealdade, humildade e procedimento” já existia?

J.M. – Não. O nosso lema era “Grêmio Gaviões da Fiel, torcida força independente em prol do grande Corinthians”. Esse foi o nosso lema e é. Mas é o que eu falo, com o tempo as coisas vão se alterando, mudando. E esse lema surgiu na morte do Joca. Através do Edmar, o gordo. Foi uma homenagem que ele quis fazer ao Joca. Porque nessa época já tinha essa disputa e tudo, eletiva. Ele achou que nessa época estava-se já desrespeitando, não tinha



amigos, ou não eram amigos, humilde ou não... Então ele colocou isso no conselho e foi adotado: “Lealdade, humildade e procedimento”.

B.H. – E tem, eu acho, um sublema que é: “A corrente jamais será quebrada”.

J.M. – É, que veio junto. Por causa dessa morte do Joca.

B.H. – Então você destacaria aí Flávio e Joca como os seus...

J.M. – Sim, para mim, e eu acho que para a grande maioria que conviveu na época de fundação, que pegou o período depois, os dois são os mentores. Lógico, o Júlio tem uma grande participação, eu peguei uma grande parte do Júlio também. O Júlio era aquele fortão, aquele cara que impõe também, impõe respeito. E em nível, também, de ideologia, de implantação da filosofia dos Gaviões. Mas a convivência maior minha foi Flávio e Joca.

B.H. – A gente encontra algumas referências em jornal, a uma entidade que existiu nesse período de virada para os anos 1980. Chamada Atoesp, Associação de Torcidas do Estado de São Paulo, que o Flávio participava. Você lembra disso, de existir?

J.M. – Então, foi através do Flávio. Foi até bom na época, porque é o que nós falamos, na época, a rivalidade era sadia. Então, a gente fazia campeonatos internos da Atoesp. A Atoesp agia na Federação Paulista de Futebol, para essa questão de festas. Aí começou a surgir as divisões de torcida, que já estava havendo um pouco de confusões e o caramba. O povão mesmo... Aí começou a surgir a divisão, na realidade Através da Atoesp conseguiu negociar muita coisa com policiamento, que não tinha muito acordo. E através da federação, da Atoesp, se conseguiu muita coisa, até de materiais para entrar em jogos, caminhos... A gente combinava para não ter problema de caminhos. Através da Atoesp que... Pena que depois não teve mais segmento, acabou a Atoesp.

J.F. – Mas chegou a ter sede?

J.M. – Tinha. Teve ali no Largo São Francisco.

J.F. – E o Flávio era o presidente?

J.M. – O Flávio foi um dos presidentes da Atoesp.

J.F. – Por consenso também?

J.M. – Isso, de consenso.

B.H. – Das outras torcidas alguém se destacava?

J.M. – Tinha o Hélio Silva, na época. O que eu te falo, dos antigos... Tinha o Cosmo, da Torcida Jovem...

B.H. – E chegava a fazer greve, coisa assim de contestar o valor do ingresso?

J.M. – Teve. Montava-se um grupo, quando queria reivindicar alguma coisa... Não paramos o campeonato. De ingresso, tentava alguma coisa... Mas não de não ir a jogos essas coisas todas, não. Mas se lutava contra isso. Se o movimento tivesse dado segmento seria uma coisa boa até hoje. Talvez, as coisas que acontecem hoje, talvez lá atrás teria brechado muita coisa. Se a coisa tivesse crescido. Se tivesse formado uma associação forte, tivesse respeito, com conselho, com punições de agremiações que descumprissem alguma situação, proibindo qualquer... Eu acho que teria... Se tivesse crescido para juntar, de todas unidas brecares essas situações, eu acho que a coisa seria diferente hoje.

B.H. – Você sabe até quando existiu, você lembra? Porque isso foi virada de 1970 para 1980.

J.M. – É. 1981 mais ou menos.

B.H. – E você acha que até quando existiu?

J.M. – Olha, foi um pouco antes da morte do Flávio, ali já acabou.

B.H. – Final dos 1980, mais ou menos.

J.M. – É. O Cosmo estava dirigindo, as reuniões eram basicamente na Torcida Jovem. Isso mesmo, ali na Pérola Byington, as reuniões eram ali. Que era perto da federação, inclusive. Se marcava as reuniões ali. Então, é basicamente isso, foi um momento que não deu um seguimento forte.

B.H. – Desses fatos marcantes, um que a opinião pública lembra, foi a famosa faixa pela Anistia que teria sido desfraldada no setor em que estava a Gaviões. Você lembra desse episódio, Santos e Corinthians?

J.M. – Eu lembro. Eu lembro porque fui eu que levei a faixa. Porque eu, nessa época, ainda estava no movimento. Aí, quando a gente conversou na quadra... Mas a gente fez fora, não foi nos Gaviões. Eu conversei com o pessoal lá e a gente fez fora de lá.

B.H. – Podia dar problema...

J.M. – Podia dar problema para os Gaviões, então, o que eu falei? “Vamos levantar lá em cima”. O que queira ou não, a gente também tinha... Mas a gente não podia envolver o nome. Lógico que todo mundo, na época, era estudante, o Flávio, o Joca... Todo mundo tinha... Outros também, o Mancha, o Manchinha, tinham vários que participavam de movimentos. Mas não envolviam a entidade. E quando a gente resolveu fazer isso foi uma coisa mais paralela. “Olha, vocês fazem, mas a gente não sabe de nada”. Entendeu? Tanto que foi jogo Corinthians e Santos. A do Santos ia abrir também, mas eles não abriram.

B.H. – Por temer retaliação.

J.M. – Retaliação. A Torcida Jovem não abriu. Foi um acordo: “A gente abre de cá, vocês abrem de lá”. E a gente abriu. Era “Anistia ampla, geral e irrestrita”. Foi muito importante aquela faixa lá. Nós largamos no chão e saímos correndo. Veio um batalhão atrás da gente lá.

B.G. – Mas, depois teve alguma represália?

J.M. – Teve sim. Foram na quadra, revistaram tudo. Invadiram a quadra para ver se achava alguma coisa. Mas não podia provar nada que foram os Gaviões. Não tinham essas câmeras para buscar lá quem é não. Se tivesse... Eu tenho essa foto até hoje, mas também não dá para me ver não. Eu também, eu fazia cada coisa que você não acredita. Nossa! Teve uma época – é bom lembrar essas coisas – que se proibiu o rojão. Não se podia mais entrar com o rojão. A gente ia de madrugada no Morumbi, a gente subia nos... Hoje não é mais... Os refletores, eram em umas torres, a gente escondia os rojões lá em cima. Eles reviravam o estádio todo e não achavam, de dia a gente descia com os rojões; A gente fez cada coisa! E para entrar com o porquinho, lá? O Palmeiras depois assumiu, por volta de 1983. Mas depois de 1976, todo jogo do Corinthians com o Palmeiras a gente entrava com o porquinho. [Risos] A gente pegava os porcos... A gente ia à Cantareira roubar os porcos das fazendas, eram todos porcos pegados de madrugada, entrava lá. Tem umas situações de estádio que a gente lembra muito legais.

B.G. – Como vocês escondiam o porco para entrar no estádio?

M.J. – Ah! Tinha que ser ou nas bandeiras... O ruim era descer até embaixo, você tinha que soltar ele no campo. Ou, as vezes, o Corinthians dava uma ajudinha, colocava por dentro do ônibus, entendeu? [Risos] É, varias vezes entrou no ônibus do Corinthians, no material do Corinthians. Aí a Associação dos Animais abriu um processo contra a gente, falou que era

maltratando o animal. Mas era folclórico, sabe? Tanto que depois o Palmeiras assumiu. Eles assumiram o porco como símbolo deles lá.

J.F. – Dentinho, mas então você acha que foi a Gaviões que criou...

M.J. – Foi. Em 1976 a gente começou a gritar esse porco. Em 1976.

B.H. – Um pouco com essa associação que o italiano fala alto?

M.J. – Teve um campeonato em 1976, disputado por Palmeiras e XV de Piracicaba. E foi uma lambança só, e a gente zoou e... Palmeiras foi campeão, a gente chamou ele de porco, pelo “p” e pela sujeira que foi o campeonato. Palmeiras e XV de Piracicaba, foi aí que começou. Aí começou todo jogo, aí levava faixa, a polícia permitia, levava aquelas faixas grandonas com o porco bem grande. Só que a gente estava já preparando o porco lá embaixo. E às vezes o porquinho invadia e, às vezes, tinha porquinho maior que ficava parado. [Risos] E o policiamento levava lá para o batalhão, ele pegavam e levavam para o batalhão. Tinha gente que entrava correndo no Pacaembu, pulava, entrava com o porquinho, era preso. Mas soltavam, vai fazer o que? Teve uma vez que um invadiu legal dentro do campo. Mas, você vê, era um negócio legal, não era nada de... Coisas de futebol, não é? Coisas assim...

B.H. – Formas de provocar o outro dentro da...

J.M. – Tem coisas legais para a gente lembrar, sabe? Coisas legais da parte do futebol, Corinthians.

J.F. – Dentinho, no início dos anos 1980, em 1983 mais especificamente, surge a Mancha, você se recorda dessa entrada em cena da Mancha, o que isso acarretou com as rivalidades.

B.H. – E essa mudança da Torcida Jovem do Santos para o Palmeiras e a Mancha...Foi originada disso.

J.M. – É, o que aconteceu... É o que eu falei, do início a grande rivalidade, as grandes torcidas eram Torcida Jovem e Gaviões. A partir dos anos 1980 começaram a surgir outras. A Independente surgiu, mas a Independente surgiu tranquila. Tanto que a gente tinha o maior contato com a Independente.

B.H. – Você lembra quem?

J.M. – O Ferrão, na época. O Danilo. Mas eles eram movimentos tranquilos, sem essa coisa que tem hoje, sem esse desmando que tem hoje. E a torcida do Palmeiras era uma torcida

muito – eu até reconheço – era muito reprimida. Todo mundo gostava de tirar uma casquinha da torcida do Palmeiras. Porque a TUP era a Torcida Uniformizada do Palmeiras, era ligada ao Palmeiras, recebia ingressos, parte de ingressos. Eles entravam pelo Morumbi, por dentro ali do portão principal. Então, a torcida do Palmeiras sempre foi tirada assim, como torcida... E aí surgiu esse movimento de revolta, de antigos torcedores que não aceitavam essa situação. E começaram a surgir vários grupos, não foi só a Mancha. A Mancha surgiu nessa época, 1983. Era um movimento para acabar com essa questão das outras torcidas... Mas eles usaram não uma maneira correta, vamos dizer assim. Eles usaram a maneira da força. Eles queriam subir através da força, da covardia... É ruim falar isso, porque eu conheci muitos amigos, da época, da Mancha até. Mas eu sempre condenei a Mancha por isso, de surgir através de um movimento não de torcida... Tanto que eles não gostavam nem de carnaval. O Paulinho depois adotou. Quando Paulinho acordou para a vida, ele adotou o carnaval. Porque, se desde o início o movimento da Mancha fosse diferente, fosse igual o dos Gaviões, a Mancha não teria fechado, não teria mudado de nome, aquela coisa. Então, esse momento, foi ali que a coisa explodiu. Porque aí começaram os grandes confrontos. Não tinha mais acordos, a Mancha não quis... A Mancha, tinha outras torcidas, que tinham outros nomes lá, nomes ofensivos até, de guerrilha. Guerrilha Alve-verde, tinham vários nomes assim.

B.H. – Brigada.

J.M. – É, tinham só nomes fortes que eles chamavam. Que eram nomes fortes, que a torcida do Palmeiras tinha que suplantar as outras. Por isso que, ali foi um momento que acabou realmente... Não digo que a Mancha seja culpada, mas ela foi um ponto forte para que o respeito entre as torcidas se acabasse. Então, aí a partir de cada confronto que ocorria, cada vez a coisa ia crescendo mais e passou a coisa a ser extra campo. Não era uma coisa de você fazer uma festa maior dentro da arquibancada, um bandeirão maior, ou levar mais faixas. Não, a coisa virou fora de campo, de confronto. Aí a coisa perdeu o controle.

B.H. – Então, por exemplo, você conhecia o Moacir, o Paulinho, o Cléo...

J.M. – Sim. O Cléo, conhecia. Tinha o maior contato com ele. Porque, na época, eu era um dos cabeças dos Gaviões, um dos líderes maiores dos Gaviões, então eu tinha esse contato com ele. Mas era difícil o acordo. Acordo, porque você não dá para confiar. Hoje, se... O Paulinho depois, quando o Paulinho assumiu, e eu era presidente, eu confiava no Paulinho plenamente. A gente se ligava: “Eu estou com meus ônibus na Marginal, você segura aí?”

“Eu seguro aqui”. Então, eu não digo que o Cléo não era confiável, mas ele estava em uma fase, ele e... Tinha o Atibaia, eram os três. O Paulinho veio depois, mas era do mesmo segmento também... O Paulinho eu não sei se era da Mancha. Mas os três eram os cabeças, o Atibaia, o Cléo e o Moacir. E não tinha como fazer acordo com eles, não tinha. Eles reivindicavam algumas situações que... Aí o lado de cá começou a ter os que eram contra qualquer tipo de situação de diálogo. Então, ficava difícil. Eu tinha contato, mas não conseguia conciliar a coisa. E aí ficou difícil, ficou difícil e... Esse período 1983, 1985, nossa, foi complicado. E foi só crescendo, os grandes confrontos. Se você pegar, essa época foi a época dos grandes confrontos, de torcida, de ônibus, de estádio. A Mancha ia... Não era só com torcida de São Paulo, eles chegavam no interior, brigavam no interior, faziam aquela... Ao vivo, pela Globo e a Mancha brigando lá. Chegaram com um movimento, sei lá, diferente de tudo o que... Os movimentos das torcidas, eles mudaram totalmente. Então, mudaram toda a imagem pública, jornalística, mudaram a imagem. Antes, se tinha uma ideia dos movimentos das torcidas. A partir de que começou essa coisa, mudou-se completamente. Se você pegar jornalistas antigos, eles vão falar de coisas antigas dos Gaviões, vai te falar do Flávio, vai ter falar do Cosmo. Mas os atuais ou alguns anteriores, falam que não, que é tudo bandido, tudo marginal. Então, é difícil.

B.H. – Você considera que o assassinato do... A morte do Cléo foi um marco disso?

J.M. – Foi. Ali, nossa! Eu fiquei com muito medo. Até eu fisicamente, porque os Gaviões... Eu fui prestar depoimento, várias pessoas dos Gaviões foram prestar depoimento na época, foi uma época difícil aquele período lá.

B.H. – Ali já tinha uma premeditação.

J.M. – É, ali foi uma questão de gangue, de bandido. Eu não posso te falar, para você hoje, porque a gente não sabe até hoje de onde saiu isso. Eu te falo isso aqui, te juro de pé junto, não se sabe de onde partiu essa ideia de partir para um ato desses. De matar um outro... Ali foi uma coisa de gangue, de bandido. Só bandido faz o que ele fez. Ou tipo a morte, hoje, desse rapaz, em uma ida para uma festa, é uma coisa de bandido. Já ultrapassa o nosso lado, já ultrapassa o lado que você tem. Ali foi, a gente ficou, os Gaviões não sabiam o que fazer na época. A gente pensou que iria fechar tudo, porque uma morte ali, foi uma coisa de gangue.

B.H. – Deve ter sido, um dos principais...

J.M. – Alvo foi a gente. Porque, inclusive, o Cléo, deixou uma carta que ele deixou com o Moacir, que era o principal aliado dele, que se alguma coisa acontecesse com ele qualquer dia, que ele não deixasse de acusar ou procurasse essas pessoas, foram essas pessoas e o caramba. Então, tinham nomes, tinha uma lista lá, e o meu nome inclusive estava na lista. Eu fui chamado na polícia, que a polícia teve acesso a essa carta dele lá. Então ali, é o que você falou certo, a partir dessa morte do Cléo, a coisa já... Foi uma coisa muito... Mas manchou, manchou as torcidas ali, de uma forma geral.

B.H. – Em algum momento você pensou em sair?

J.M. – Na hora você pensa, você pensa na sua família. Eu já estava com a minha mulher e tudo, conversava com a minha mulher. Você tinha receio de ir à quadra ou sair dela. Pô, agora você perde o controle, se deram razão para fazer isso, lá também pode ter alguém que vai fazer isso também. Então, na época foi muito tenso, até você fazer novos contatos lá, a marca ficou entre eles. Mas depois surgiu o Paulinho, o Paulinho foi um grande diferencial. O Paulinho pegou o controle da mancha – apesar de ele também ter alguns problemas. Mas, com o Paulinho a coisa foi diferente, eu falo isso pelo contato que eu tive com ele da época que fui presidente, todo contato que tive na época. O Paulinho era diferente. Tanto que hoje, se você pegar o Paulinho hoje, um cara de cabeça. E sempre foi desse jeito que ele é hoje, entendeu? O Paulinho teve os problemas dele, lógico, ele defendia a entidade dele. Mas, ele tinha outra cabeça, diferente do que era no surgimento da Mancha. Ele mudou um pouco a característica da Mancha. Hoje, a Mancha, Gaviões, Independente, hoje todas as torcidas, se eu te falar que a gente tem um comando, de quadra. Mas, existe... Na periferia da vida ninguém tem comando. Não adianta você falar: “Eu vou fazer uma reunião com as quebradas que eu vou resolver”. Não resolve. Hoje cada bairro, cada vila, cada um, tem um segmento. Você vai com os ônibus até a quadra, acabou ali, cada um se dispersa, vai com seu grupo embora. Cada um vai pegar seu trem, cada um vai para o seu metrô, vai para o ABC, vai para Osasco, e nesse intermédio, nesse caminho é que as coisas acontecem.

B.H. – Os grupos se encontram, torcidas diferentes...

J.M. – Só que os caras estão todos de camisa. Então, não é o... Não adianta eu falar, foi os Gaviões de Osasco que brigou lá com a Independente de Osasco, não sei da onde.

B.H. – Agora eles chamam de subsede, tem essa expressão, subsede.

J.M. – Hoje o que tem, na grande maioria, são pontos de encontro. Hoje existem muitos pontos de encontro, de bairros. Subsedes são fora de São Paulo, tipo tem uma subsede no ABC, uma em Piracicaba, tem uma em São José do Rio Preto, que são longe, então são subsedes. Essas sim são controladas, porque elas tem que prestar contas lá, elas vendem material, associam o pessoal da região, elas prestam conta na quadra. Se acontecer alguma coisa lá aí você pode cobrar, falar: “Olha, foram os Gaviões de São José que quebraram o ônibus de fulano e não sei o que”. E você pode cobrar. Agora, esses pontos de encontro que existem são de bairros, são de periferia. Como você controla isso? Não tem jeito, não tem como. Não adianta você falar: “Ah não, tem que mandar embora”. Então, a gente expulsa um monte de cara. Quando a polícia apresenta: “Olha, esses caras estão envolvidos”. Você vai lá... Se você buscar hoje na quadra, muitos são expulsos. Por essa situação, está envolvido em quebra de metrô. Por quê? São identificáveis. O Conselho agora, a gente eliminou várias pessoas, que estavam identificados em vários setores de brigas, porque vai lá o metrô, ou vai lá a CPTM e apresenta: “Olha, esses caras estão quebrando o metrô”. Então, você consegue identificar, é diferente. E você, hoje, é cadastrado na federação, é cadastrado no policiamento. Então, eu acho que há uma impunidade ainda, porque o policiamento tem esse controle, a federação tem. Então se eles tem esse controle, eles podem punir essas pessoas também de não irem ao estádio. Por que eles criaram a carteirinha de identificação? Não serve para nada. Hoje, você só entra com a camisa da torcida uniformizada no estádio com a carteirinha. Se você não tiver, você não entra com a camisa. Então, o cara que está dentro do estádio, ele é identificável, porque ele entrou com a carteirinha lá. Como que não conseguem pegar essas pessoas? Entendeu? Aí quer que a diretoria da torcida identifique e leve lá no batalhão. É complicado. É fácil eles [inaudível]: “Olha, foram as torcidas”. Então, a impunidade é muito grande, muito grande. É ruim falar isso. No estádio de futebol hoje, poucas confusões... As confusões que estão tendo dentro de estádio é entre os grupos. Você vê? Que se entendem e desentendem lá, porque um pisou na bandeira do outro. Um dia lá no Itaquerão, na Arena Corinthians, a Coringão, acho que foi Estopim...

B.H. – Estopim e Camisa 12.

J.M. – Isso, por causa de... Briga no meio. Povão com a Camisa 12, a Pavilhão com a Camisa 12. É um negócio absurdo.



B.H. – Isso, em parte, até decorre do fato de que eles setorizaram as torcidas organizadas. As torcidas organizadas só podem ficar nesse ponto, porque também tem o valor do ingresso, e acaba juntando elas. Sob a alegação de que eles conseguem monitorar os grupos ali. O problema é esse, que você coloca todas juntas e potencializa...

J.M. – Mas é inaceitável esse tipo de situação. Todo mundo ali é corinthiano, todo mundo ali defende a mesma bandeira, os caras se gladiarem entre eles. Por causa de uma bandeira, por de um... Porque é da Pavilhão, porque é da... Ah eu dificilmente aceito isso. Porque eu vim lá de trás, entendeu? Não é que eu sou velho, sou antigo, porra. Eu sou de um movimento diferente de torcida, de corinthianismo. Ali é nação corinthiana defende uma bandeira só. Independente se eu estou com a camisa do Corinthians, dos Gaviões ou da Camisa 12. Eu não sou diferente, só porque eu sou dos Gaviões ou da Camisa 12. Todo mundo é corinthiano. Então, porque ele me olhou feio: “Você é da 12”. Caramba! Você é corinthiano, igual a mim. Essa questão interna, hoje... E não é só nossa não. Se você pegar aí, teve no Palmeiras, teve no São Paulo.

B.H. – No Rio.

J.M. – No Rio. No Rio direto, as do Flamengo brigam entre elas. Então, não dá para entender esse tipo de situação. Não é? Quando, as vezes, é uma questão política do clube, não dá para entender também. “Ah não você está apoiando a diretoria, vamos brigar lá na frente de todo mundo”. Discute de outra maneira, sei lá. A gente teve algumas divergências de alguma manifestação que a gente foi fazer, a gente conversou. Não foi lá, saiu na mão com a Camisa 12, porque eles foram protestar no CT, levaram uns negócios lá, os Gaviões vão lá e batem na 12 porque eles levaram. É diferente, é complicado. Hoje em dia está assim, cada torcida acha que tem que fazer um tipo de... Não se faz um negócio em conjunto: “Vamos lá cobrar o técnico, ou cobrar o jogador, ou cobrar a diretoria por uma situação”. Não se resolve com todas. A 12 lá resolveu que vai lá, que não gostou que trocaram a camisa do Corinthians, vão protestar contra a camisa. Agora, não é um comum acordo entre todas. Então, virou uma coisa muito individual, as torcidas se individualizaram, entre o mesmo pavilhão, que defendem o mesmo pavilhão. Existe uma guerra interna ali que é bem controlada. Até a hora em que o mano pisa no pé do outro, aí vira uma guerra particular. A gente conversou desde a época nossa, de fundação, eu te falei. Para chegar no nível que está hoje, é difícil. Acabou toda a filosofia, toda a ideologia, todo aquele foco do que é uma torcida organizada, hoje não

existe mais. Eu como conhecedor, como participante, eu vejo que não existe mais o que tinha antes. O porquê surgiu as coisas? A gente, na realidade, surgiu para reivindicar... Era a voz do torcedor, do torcedor de uma forma geral, de contestar contra o que estava acontecendo dentro do clube, do que estava acontecendo na arquibancada, de vaiar, de xingar ou ir contra o preço do ingresso. Essas foram os principais pontos da época, quando surgiu.

B.H. – E, em parte, até a simpatia que o torcedor comum tinha pela Gaviões, vinha disso. O torcedor comum admirava a Gaviões, tinha uma identificação.

J.M. – Hoje não é 100% não. Se você vê, os Gaviões antes eram um comando geral, hoje os Gaviões cantam uma coisa, a 12 canta outra, a Estopim outra lá no canto e não sai um canto geral. E aí o povão que está hoje, em uma grande maioria, central, canta outra coisa, se você não acompanhar você é abafado até. O que está acontecendo hoje é isso. Aí o lado sul, o outro lado, puxa outra situação, então não tem aquela coisa de antes, de quando os Gaviões puxavam o coro aqui, o estádio todo vinha junto. Eu lembro no Maracanã, o mundial do Maracanã, 2000, quando a gente surgiu com o coro “todo poderoso”, o Maracanã todo veio com a gente. Onde a gente cantava... A gente sentiu, é o que você falou. Hoje em dia, algumas reivindicações que a gente faz, de forma: Ah decidiu, na hora, xingar um jogador. O povão não aceita. O povão: “Pô, que esses caras estão xingando”. Aí até vaia. Eu estava vendo um jogo do São Paulo, foi não sei que dia aí, estavam reivindicando... A torcida do São Paulo começou a gritar... O povão vaiou, a torcida do São Paulo, a Independente, vaiou. Aconteceu com o Palmeiras também, é o que você falou. Hoje tem uma certa antipatia. E é complicado isso. Antes você era... Falou em Gaviões, nossa! A torcida do Corinthians sentia orgulho. Hoje não sente não, é triste falar isso. É triste porque eu convivo com mil pessoas, todo mundo só: “Gaviões mudou”. Todo mundo fala isso, todo mundo fala: “Na sua época era bom”. Não é questão de época, é questão que mudou muito, mudou muito. É triste falar. Mas eu sou um cara realista, sou um cara prático. Falo isso na reunião do conselho dos Gaviões e falo que a coisa mudou muito. Porque, sei lá, as cabeças das pessoas mudaram, não sei se a vida mudou todo mundo, mas a filosofia tinha que continuar, a ideologia tinha que continuar. Acho que a gente não pode virar um grupinho lá que... Não, a gente faz parte do povo em geral. A gente uniformizou... O nosso intuito era uniformizar a torcida do Corinthians para ter sempre um Corinthians grande, em primeiro lugar. Esse era o principal ponto, não era os Gaviões serem campeões do carnaval. Nada a ver, o carnaval é um ciclo, é

um braço dos Gaviões. Se a gente for campeão ou não, independe. O nosso principal ponto é o Corinthians, é sempre lutar... As vezes o carnaval parece que passa acima da torcida, então não pode, entendeu? Eu acho que é um segmento, não é o ponto principal.

B.H. – Dentinho, você mencionou essa reunião do conselho, explica para a gente que não tem ideia, o que é exatamente, como são... Eu sei que tem os vitalícios, tem o...

J.M. – O conselho dos Gaviões, olha, aliás, está fazendo até algumas mudanças agora, vai sair o estatuto novo. Tem o conselho vitalício e o conselho bienal. O conselho bienal é eleito junto com o presidente, então assumem novos conselheiros e tudo. E o conselho vitalício são os ex-presidentes e fundadores.

B.H. – E é realizado de quanto em quanto tempo?

J.M. – Uma vez por mês, e também tem as formas extraordinárias, quando tem algum tipo de situação diferente, se reuni. E antes o conselho era muito mais ativo. Ultimamente está atuando mais, o conselho está até mais ativo agora. Agindo, punindo, o conselho estava muito afastado. Então, internamente, para a gente, esse afastamento do conselho foi meio...

Também deixou a coisa meio livre, para fazer o que quiser fazer. Antes seguia muito a linha do conselho, o pessoal antigo. Quando você via o pessoal fundador chegando lá para a reunião, você tremia. Eu, na época, quando via aqueles caras lá, eu pensava: “É hoje que o negócio...”. Eu fui suspenso. Teve uma época que... Uma briga no basquete contra os argentinos, taquei o rojão dentro do vestiário lá no Parque São Jorge. Fui suspenso, de boa. Fiquei três meses suspenso, não usava camisa dos Gaviões, não podia nem sentar no meio dos Gaviões. Hoje o cara é suspenso, daqui a pouco você olha: “O que você está fazendo aqui?”. O cara nem está nem aí. Então, acabou muito essa coisa do respeito. Eu acho que é importante isso, o conselho, hoje, está voltando a ser respeitado. Quando se fala em reunião hoje, os caras falam: “Vai ter reunião hoje? Para que vai?”. Os caras já ficam abrindo o olho, entendeu? Antigamente... E é para ser. É o órgão soberano, se ele decidir amanhã tirar o presidente, ele vai tirar o presidente. Vai punir, vai expulsar. Então, eu acho que hoje a gente está começando a resgatar. Alguns conselheiros antigos estão começando a vir de novo, a implantar... Eu sei que é difícil mudar a cabeça, mas pelo menos a gente vai tentar ter alguma coisa resgatada. Eu acho que a gente não pode perder a esperança, não é?

J.F. – Dentinho, o presidente dos Gaviões é eleito pelos conselheiros ou todos os sócios da Gaviões tem direito ao voto?

J.M. – Então, nas últimas eleições tem sido pelo associado. Nas últimas quatro eleições. Começou em 2007, com o Herbert, 2007, 2008, 2009, é isso mesmo. Ali, internamente para a gente, é até triste falar dessa situação. Ali não houve um... Além de quem perdeu, não aceitou perder, foi terrível. Porque surgiu... Muita gente formou um grupo fora dali. Entendeu? Não sei se você... Fundaram a Rua São Jorge. Dali que surgiu esse movimento, Rua São Jorge. E pessoas lá, eu não condeno, são todos meus amigos, são todos caras que eu vi crescendo nos Gaviões, se afastaram dos Gaviões. Isso eu nunca aceitei. Independente do que estava acontecendo nos Gaviões, de carnaval, de algumas situações de que a gente não podia aceitar, eu estava lá dentro, eu estava brigando lá dentro. Eu não sai lá fora para falar mal ou querer fazer um grupo diferente. Então, foi uma torcida diferente e eu sempre cobrei deles. Então, eles lá, quando esse grupo surgiu, o Amendoim fez parte desse grupo, não sei se ele citou no trabalho de vocês aqui. O Amendoim sempre foi um cara de diálogo, de debates, sempre gostei de conversar com ele, ele é um cara importante. Porque ele era um cara, também, que defendia algumas ideias lá. Sabia que, também, não podia suplantar a ideia de Gaviões, então, tinham alguns lá que queriam suplantar a Gaviões. Independente de quem estivesse na presidência tinha que ser respeitado. Se foi o Pantchinho, na época, que foi escolhido pelo conselho, ou não sei o que, mas tinha que ser respeitado. Então, muitas ideias lá, tinham manias... Fizeram camisa. Então, já passa a não ser um grupo do que eles se intitulavam, a ideologia dos Gaviões, da ideologia antiga, nada a ver. Fazer uma camisa Rua São Jorge, ou implantar um movimento Rua São Jorge não tem nada a ver com Gaviões. Essa é minha opinião, eu sempre defendi isso e discutia com eles lá. Quer discutir Gaviões, discute lá dentro, vai brigar lá dentro. Então, você vê, se eu for falando de época em época, a coisa só foi dispersando, acabando, na realidade, com como a coisa lá atrás começou, como o movimento começou lá atrás. O movimento sempre foi de união, de se fechar, de se brigar, de se trancar em uma sala assim e ficar até de madrugada, mas, todo mundo, a partir de que abria aquela sala, saia com uma ideia só. Então, não se chegou mais a esse tipo de situação. Cada um resolvia de um lado, cada grupo resolvia. O problema foi o surgimento de grupos paralelos, cada um defendia a ideia... Não a ideia dos Gaviões, a ideologia dos Gaviões, nunca prevaleceu, sempre a ideologia particular de cada um, pessoal de cada um. Então, começou a dispersar muito. E, acho que quando surgiu esse movimento da Rua São Jorge,

para mim foi o ponto final mesmo, ali eu acho que acabou mesmo. Lógico, com o tempo eles foram aceitando que a ideia tinha que ser mudada, tanto que acabou esse movimento, e eles voltaram para a quadra. Hoje o BO que é o Wagner, que é o presidente, era de lá, e ele se tornou presidente, entendeu? Então, muitos daquela época, que insurgiam, que perderam a eleição, hoje até se afastaram, casaram e que foram criar vida... Eu falo, caramba! Na época era tão assim, que tinha que ser Gaviões, depois saiu, casou, já não é mais Gaviões, já não é mais como era antes. Tem situações que... Eu casei e continuei minha vida e eu não saio de lá. E muito outros, não é porque você é obrigado a ir, você vai porque você gosta. A grande maioria tem seu lado profissional, eu tenho meu lado, sou taxista, trabalho. Mas eu gosto de lá, frequento lá, cobro as situações de lá. E até quando eu puder, eu vou lá, eu nunca deixei de ir lá. A partir do momento em que você abandona um tipo de situação, um movimento que você participa, você sai fora dele. Porque você deixou um certo período de ir e quer voltar achando que é a mesma coisa, ou voltar... Não, você saiu, você foi contra, abandonou, para mim é um abandono.

B.H. – Vamos fazer uma pausa? Podemos fazer uma pausa para ele trocar aqui...

[FIM DO ARQUIVO II]

B.H. – Vamos retomar.

J.M. – Vamos retomar lá atrás alguma coisa, que a gente falou mais ou menos...

B.H. – É, seguindo um pouco essa cronologia, me veio essa curiosidade. Porque um dos grandes pontos da ideologia de surgimento dos Gaviões foi um pouco a luta interna contra a ditadura do Wadih Elu, a gente seguiu um pouco os presidentes dos anos 1970. Nos anos 1980, veio a Democracia Corinthiana que não foi consensual nos Gaviões. O que você lembra desse time do Corinthians, que se tornou uma marca, um mito e a posição da Gaviões nesse período.

J.M. – Na realidade a gente participou diretamente. Quem era o nosso presidente na época era o Magrão, foi em 1982, não é? 1982. O Magrão era 1981, 1983. E a gente tinha muito essa questão de reuniões com a diretoria de futebol, o Adilson Monteiro Alves, o Orlando Monteiro Alves, toda aquela... Porque o Valdemar Pires, o que aconteceu... O Valdemar quando entrou para presidente, foi um dos melhores

presidentes que o Corinthians teve. Ele abriu, abriu espaço para trabalho. Ele deu até uma rasteira no Matheus na época, era para ele assumir presidente, o Matheus foi vice, para abrir mão para o Matheus, ele não abriu. Tanto que depois ele foi presidente e foi reeleito na seguinte. E o Valdemar Pires foi muito democrático, ele abriu espaço, tanto que surgiu várias lideranças nessa época, de trabalho... O Oliveto trabalhou, fez aquela parte de... E surgiu. Tinha o Sócrates na época, quem contratou foi o Matheus em 1978. O Sócrates sempre foi aquele cara bem frio, não é? E a gente sempre cobrava o Sócrates, em algumas situações. Teve um jogo no Pacaembu, em 1978, 1979, a gente cobrou deles aqui. Eles tiveram que sair de camburão para você ter uma ideia. Eles tiveram que sair de camburão, o Amaral... Eles perderam um jogo que não podiam perder e a gente ficou em maus lençóis.

J.F. – Contra o XV de Jaú, foi um domingo de manhã em 1980. Você estava lá Dentinho?

J.M. – Estava. [Risos] Eles saíram de camburão. A gente fala do movimento da democracia, foi mais um movimento de marca do que... Não existia um privilégio total do elenco, não. Existiam os privilegiados. Então, a gente cobrava muito isso do Adilson. Que nem, o Leão era contra. Tanto que eles queriam até, nessa época... Nós chegamos forte nessa época no Adilson. Eles não queriam que contratassem o Leão, que eles achavam que o Leão ia quebrar todo esse movimento deles. Eles queriam que continuasse o Solito, na época, que era o goleiro do Corinthians. E quando a gente foi conversar com o Adilson, o Adilson colocou bem claro: “É, mas grupo não quer”. E a gente bateu: “Que o grupo não quer?”, “Não que o grupo está fechado”, “Fechado como? Vocês acabaram de perder um Brasileiro agora”, com aquele goleiro César, lembra do César? O mãozinha lá? Eu não sei se vocês lembram da época. A gente perdeu para o Grêmio aqui no Morumbi, uma falha incrível do goleiro, porque a gente tinha um goleiro desse tamanhinho. “E agora não querem um goleiro que é de Seleção Brasileira?”. “Não, o grupo acha que o Leão é um cara...”, “Não”. A gente exigiu que contratasse e contratou o Leão, na época. Então, o Leão inclusive era separado deles. Dentro de campo era uma só, mas fora de campo era outra coisa. Então, não era aquele movimento perfeito como se fala, vangloria. Quem viveu lá dentro sabe que era uma coisa mais de privilégio do Sócrates, do Casagrande. Era uma coisa mais

de eleições da época, que estavam em vigência, Diretas Já, e eles participaram, junto com a Rita Lee. Aí se falou e tudo. Mas dentro de campo o que se resolveu? Não tinha só concentração. E o que se ganhou naquela época? Ganhou dois paulistas? Ganhamos algum Brasileiro naquela época? Ganhamos alguma Libertadores? Não foi aquele time ganhador. A gente em 1982 ficou com o Grêmio, em 1983 também, caímos fora na... Não chegamos nem nas semifinais. Então, não foi um time marcante. Marcou-se um nome lá. O Sócrates sim era um grande jogador, o Casagrande, era um grande time. Mas para nível de marcar história no Corinthians. O movimento era um movimento de quadros privilegiados.

B.H. – O desempenho em campo, de resultado concreto.

J.M. – Ganhou o campeonato paulista. Pode ver. Ganhou o que? Ganhou nada. Eu não estou falando assim, que o time ganhador... Mas assim, em nível de marca ficou mais um movimento assim... Mas era um movimento, como eu te falei, para privilegiados. Porque os cara não se concentravam, bebiam ali... Você chegava lá os caras estavam bebendo, eles queriam isso? Isso é para jogador? Bom, não é assim também. Então, era esse o movimento? Era só acabar com a concentração? Isso aí o Atlético fez outro dia aí, o Levi fez para o Atlético, em nível de concentração. E eles participavam dos comícios, eu acho que foi mais um título de Democracia Corinthiana, do que de reivindicações. O que os jogadores ganharam naquela época, de direitos que foram implantados? Para se ter um... Não que eu fui contra. Mas eu achei que o movimento foi uma coisa mais de publicidade, do que mais de ação mesmo, de ter algum tipo de lei que eles adquiriram, que eles conquistaram. Depois deles a concentração acabou? Não acabou. Voltou-se a concentração. Então, não foi implantada, que acabou a concentração por causa da Democracia Corinthiana. E não foi vitoriosa, ganhou o Campeonato Paulista, o Paulista a gente ganha toda hora aí.

J.F. – Dentinho, mas por parte do Adilson Monteiro Alves, houve uma iniciativa de trazer a Gaviões para o conselho? De abrir espaço para uma participação maior da Gaviões na vida do clube?

J.M. – Sim, isso sim. Mas isso sempre teve, de ir lá sentar com a diretoria, discutir alguma coisa. Mas em nível de colocar lá, “os Gaviões vão ter dez nomes no conselho”. Nunca foi proposto isso. Na próxima eleição, quando ele foi se candidatar. Na eleição

ele perdeu, na época para o Paschoa, o Roberto Paschoa, não sei se vocês se lembram. Ele disputou com o Paschoa. Ele perdeu. Mas vê, a gente exigiu que fosse colocado X nomes no conselho, ele falou que não, que ele tinha um monte de nomes lá para colocar, foram colocados cinco nomes. Era o Magrão mais uns quatro. A gente ia com uma lista de 15 para colocar. Mas você tinha contato, você tinha liberdade. É o que eu te falei, quando foi consultada essa questão do Leão. Mas isso já tinha antes com outros diretores da época. Tinham vários diretores que a gente se reunia antes, ou breicar jogador, ou punir, ou qualquer coisa parecida. A gente sempre se reuniu, de algum jogador... O Neto mesmo, naquela época que o Basílio jogou a camisa no chão, no outro dia a gente foi lá e exigiu que o cara fosse punido. Ou o Viola, então esse contato a gente sempre teve. O Adilson abriu? Vamos dizer, abriu, mas não abriu tanto o leque assim tão aberto assim não. Houve sim uma melhora, mas a gente sempre teve esse contato. Mesmo com o Matheus tinha. Agora, eu acho que o movimento foi mais uma nomenclatura do que um movimento que mudou alguma coisa. Eu estava vendo outro dia, eu fico olhando, “caramba, o que mudou?”. Para se ficar fazendo reportagem: “Aquele movimento mudou a história”. O que mudou? Eu não sei até hoje. Que benefício o jogador tem? A única mudança que teve hoje em dia foi a Lei Pelé, que matou o futebol com essa lei dele, com os jogadores. Mas os jogadores não tem força nenhuma, nem os próprio sindicatos de jogadores. Então...

J.F. – O Sócrates tinha com a Gaviões uma relação parecida com a que o Wladimir teve?

J.M. – Na época de jogador não. Depois sim.

J.F. – Depois? Mas na época de atleta não? Era uma relação distante?

J.M. – De atleta não, de atleta ele não aceitava esse contato não?

J.F. – Ah! Ele não aceitava?

J.M. – Ele não aceitava, ele nunca sentou com a Gaviões.

B.G. – E o Leão?

J.M. – O Leão sim, o Leão era um cara de papo. O Leão era profissional, hein? Pode falar o que falar do Leão, o Leão era um atleta... Eu tinha o maior contato com o Leão.



Eu era aqueles caras de arquibancada, ia no Parque São Jorge... O Leão tinha jogo, que às vezes, você estava lá no Pacaembu, ele saía no meio da gente, assim, carregando a mochilinha dele, com o filhinho dele, sei lá. Trocando ideia normal, ele era um cara... Mas olha, dentro de campo você ia lá nos treinos, era um cara dedicado, profissional, muito correto o Leão nessa parte, em nível de profissionalismo, era muito correto. Agora, quem conversava com a gente basicamente, era o Wladimir, que já vinha antes de Sócrates, não é? O próprio Zé Maria, o Zenon. Agora o Sócrates era sempre... O Casagrande...

B.H. – Você falou do Ado, em 1973, 1974, vocês tinham contato com ele?

J.M. – 1972. Não, o Ado não tanto. O Ado logo em 1972, 1973, ele saiu. Chamaram ele de frangueiro, o caramba, afastaram logo. Teve uns frangos em seguida.

B.H. – Teve também a saída do Rivelino.

J.M. – A do Rivelino a gente teve participação sim. A do Rivelino a gente exigiu até. Eu, na época, fui contra, 1975. A gente redigiu um documento para que se fosse... Se jogou toda culpa em cima do Rivelino, do título. Aquela época era muito assim, uma questão de estar na fila há mil anos, nossa! Se jogou toda a culpa em cima do Rivelino. Os Gaviões exigiram, tem um documento, até hoje, histórico lá, que se fosse vendido o Rivelino.

B.H. – Mas, você, pessoalmente acha que não...

J.M. – Eu não, fui contra. Para mim, o maior ídolo meu é o Rivelino. Para quem me pergunta, até hoje, eu sempre... Eu falo com ele, em várias situações eu já encontrei.

B.H. – Essa relação jogador torcida, como ela é? Ela é tensa, é informal? É claro que varia de jogador para jogador, mas de modo geral como que é isso?

J.M. – É de cada jogador. Tem o jogador que aceita o diálogo de você conversar, tem jogador que não. Tem jogador que tem medo e tem jogador que vai para o diálogo, conversa, assume. O time que tinha mais jogadores assim que aceitavam se reunir com torcida, é esse time... Um dos melhores que eu já vi jogar, de 1999. 1998, 1999. Eu acho que foi um dos melhores times que o Corinthians teve. Eram jogadores malandros, Vampeta, Edilson, Rincon, Ricardinho, o Marcelinho. Eram jogadores super... Que

você ia no vestiário discutir com os caras, já vinham discutir, falar, argumentar. Então, nunca fugiam da raia. A gente perdeu uma Libertadores no Morumbi, nós fomos para o hotel, ali na Paulista, de ônibus lá, o Vampeta saiu lá, falou, discutiu, ouviu um monte de coisas, que perdeu os pênaltis para o Palmeiras, de 1999. Então, tem jogador que tem esse tipo de situação, tem jogador que tem medo, se esconde, e tem jogador que... É característica do jogador. Mas a gente sempre teve contato.

B.H. – E você acha que nos anos mais recentes, por conta dessas... De toda essa presença do marketing, que o jogador virou uma marca, isso afastou ele mais. Ou ao longo do tempo isso varia mesmo, tem jogador que é mais próximo...

J.M. – É, esse lado você tem razão.

B.H. – Assessoria de imprensa, o cara é blindado.

J.M. – É, o cara é blindado para caramba. Hoje, se você pegar... Do elenco hoje... Não, eu digo do antes, você tinha um contato bom com o Alessandro. Era um cara que sempre se apresentou. O Alessandro sempre se apresentou para conversar em qualquer situação. Naquela do Tolima, ele pôs a cara para conversar. O Ronaldo nem apareceu, mas o Alessandro... O Ralf, o Danilo. São os caras mais... Desses agora, do elenco, são os caras que mais... Não é, vê torcida e fala já [inaudível] Os caras que vão, conversam, dialogam, discutem. O William, na época, também, quando era...

B.G. – E o Paulo André?

J.M. – E o Paulo André. Eu esqueci do Paulo André.

B.H. – Como a gente estava falando da Democracia Corinthiana, hoje a gente pegar esse movimento do Bom Senso, sua visão sobre... Até pela suas origens como sindicalista. Você acha que esse tipo de movimento tem alguma possibilidade de ter reflexo e alteração no quadro de poderes de futebol?

J.M. – De jogadores você diz? Se os jogadores se unirem te sim, viu? Mas eu acho que a classe de jogadores não é tão unida assim não, ela é mais individualista. Cada um luta pela sua imagem, eu não sei. Nunca vingou a associação dos jogadores. Eu acho que, não sei. Só se as coisas mudarem bastante. Porque hoje os jogadores buscam mais... Não tem nem mais identificação com o próprio clube que cria ele. Eu acho difícil, só se

mudar muito a cabeça. O jogador hoje visa muito a parte financeira, de criar uma imagem dele. Não sei se eles são unidos para fechar o grupo. Para você ver, uma situação que apareceu no Botafogo do Rio, ali era para um grupo se fechar e ninguém... É a mesma coisa de você deixar de receber no seu trabalho e todo mundo deixar de receber, e você continuam trabalhando e trabalhar de qualquer jeito. Tanto que foram rebaixados. Eles trabalharam de qualquer jeito. Não adianta falar que estavam fechados, que iam tirar o Botafogo... Não. Então, eu acho que os jogadores ainda não chegaram nesse ponto de se unir e falar, a classe não é? De se unir e falar: “Nós não vamos entrar em campo”. O dia que acontecer isso: “Nós não vamos entrar. Ninguém está recebendo aqui, nós não vamos entrar”. É trabalho. Eu acho que o dia em que surgir isso... Não adianta você entrar em campo um minuto, como eles fizeram lá, para mim isso não diz nada. Para mim é um dia chegar no vestiário: “Ninguém vai entrar”. “Ah porque não vai entrar?”, “Não vai entrar”. É tipo um artista falar, chega em um show, [inaudível] o cara nem saiu do hotel, por quê? Não recebeu. E está certo ele. Não vai e quero ver alguém ir lá no microfone e falar: “O Zeca Pagodinho não veio porque a gente não conseguiu pagar ele”. Quem é o ... O Zeca Pagodinho está errado? Não está. Está errado quem organizou, a organização vai pagar. Então, os clubes, a partir do momento que os jogadores tomarem posições dessas e não entrarem em campo. Aí sim eu vou acreditar nessa situação. Ele foi á apresentar o projeto para a gente lá, a gente acha legal, mas... Eu acho que não...

J.F. – O Paulo André teve a iniciativa de apresentar o projeto para a Gaviões?

J.M. – Foi lá. Quando estava até no auge dessa questão toda, apresentou para a gente, que estava lutando por varias situações. Mas não teve seguimento e não vai ter. Tanto que ele está jogando fora... Eu não vi esse movimento dar algum tempo de... Eu sou vou acreditar mesmo o dia que... Sei lá.

B.H. – O fato das disparidades dos salários serem tão grandes, também contribuem para a dificuldade que avance esse... O outro ganha um milhão.

J.M. – Claro. Tipo o Guerreiro hoje, reivindica uma fortuna porque ele acha que o Corinthians... Ele não tem que achar nada, se o Corinthians paga A, B, C, D, não é? A gente falou isso na cara dele, a gente foi falar isso com ele. Ele esta reivindicando uma situação de uma grana, porque o Corinthians contratou o Pato, que paga não sei quem,

paga não sei quanto para fora e não pode pagar para ele. É a mesma coisa... Eles não queriam que trouxessem o Edu Dracena, o Gil. Tinha que dar valor a... O que o Gil tem que dar palpite se vai contratar A, B, C, D? Caramba, aí já estão ultrapassando... Já ganham, é o que você falou, já ganham bem para caramba, agora querem saber quem vai jogar do lado deles, a gente foi lá discutir isso também. Como a gente vai cobrar uma situação dos empresários que estão cobrando, que foram discutir com a diretoria do Corinthians, a gente ficou sabendo, essa empresa que é, inclusive do irmão do Paulo Garcia, do Fernando, que o Petros não anda jogando... Cobrar essa situação. O que o cara vai cobrar? Um empresário quer cobrar que o cara jogue? Se o técnico não acha que ele tem que jogar. São estranhas as situações que ocorrem, não é? E a gente sabe que está lá dentro do clube acontecendo isso.

J.F. – Dentinho, mas qual é o procedimento? Por exemplo, vocês se reúnem, decidem estabelecer uma conversa com o time, com alguém. Aí vocês vão procurar e o pressuposto é que vocês sejam atendidos.

J.M. – Sim. Você conversa, fala antes. Tipo a gente ouviu as duas chapas. A gente ligou para o Roberto de Andrade, ele recebeu a gente lá. Fomos lá, discutimos um monte de situações com ele, de que somos contra, que está acontecendo dentro do clube. E fomos conversar com o Citadini também. E ele apresentou as situações dele, o que ele acha, a gente foi apresentar a nossa. E foi, para você ver, a Gaviões, eu não vi essa iniciativa de... Não estou querendo cobrar as outras torcidas. A gente ligou e falou: “Quer ir com a gente? A gente vai lá, vamos sentar...” Os caras não estão nem aí, entendeu? É esse tipo de movimento que você tem que ter, é lutar por uma coisa dentro do clube. Então, a gente não viu o interesse deles, a gente foi lá. A Gaviões foi lá. Então, hoje a gente tem um documento assinado pelo Roberto de Andrade, pelo coisa, que a gente esteve presente cobrando e algumas reivindicações que eles falaram que vão cumprir. Mudança nessa questão do Fiel Torcedor, algumas alterações, tem que ter. O Corinthians está perdendo espaço, o Palmeiras já ultrapassou. O Fiel Torcedor nosso ainda precisa de uns ajustes, ele acha que sim. No estádio do Corinthians, um balanço não foi publicado até hoje, desse estádio. Só se tem suposições de gasto, e coisas mais, ele prometeu logo que entrar, cobrar a situação. Eu estava até comentando, é inaceitável que o estádio, hoje, tenha um comando e o clube outro. Não é uma coisa só? O estádio

não é do Corinthians? Como que lá pode ter uma diretoria, uma coordenação. “Ah não, ela é subordinada ao clube”. Como subordinada? O Corinthians tem direito ao que está sendo arrecadado? “Não, foi determinado que... Foi criado um fundo para pagamento do estádio”. Sim, você pode até concordar, é até viável, para não ficar devendo. Mas quem tem que controlar isso é o clube, não é esse grupo que está lá. Caramba, como se aprova uma coisa dessas? Ele falou que não, que vai ser alterado, que vai passar pelo conselho. Então, a gente cobrou, tem até esse projeto do estádio, o valor que foi feito. E se você ver o estádio, parece um shopping por dentro, mas por fora ele é feio, parece sempre inacabado, parece um estádio inacabado. Não é isso. Por onde passou esse projeto? Não se aprovou no conselho esse projeto. Ele falou que não há necessidade de aprovação. Eu falei: “Como assim? É um negócio que vai ficar eterno e o conselho não tem que aprovar o projeto?” “Não, isso é diretivo, está escrito no estatuto”. Caramba! “Então vocês podem mudar aqui o símbolo do Corinthians...” “Não aí não, não é isso”. “Mas é uma coisa definitiva, é uma coisa que vai ficar para a história do Corinthians e o conselho não teve direito de opinar sobre o projeto?”, “Não isso não está em estatuto”. Eu falei: “Ah! Tá bom”. É maravilhoso, não é? Foi feito um estatuto com interesses mil e não se passou pelo conselho. Que coisa absurda! Eu achei absurdo! Nós achamos, escrevemos isso lá. Espero que mude algumas situações.

B.H. – Dentinho você é sócio do Corinthians desde quando? Você é sócio do Corinthians?

J.M. – Eu sou sócio do Corinthians, desde 1979.

B.H. – Em algum momento os Gaviões deslumbraram a possibilidade de ter um candidato a presidente que fosse do?

J.M. – Então, a gente disputou uma eleição no Corinthians, através do Edgar Soares. O Edgar era muito ligado aos Gaviões, que ele era ligado ao Flávio. E o Edgar era ligado ao Corinthians, participou de algumas diretorias do Corinthians, do departamento social. E se ventilou a ideia nos Gaviões de disputar a eleição em 1991. Foi em 1991? 1991. E aí a gente basicamente, o nome dele não era um nome aceitável, digamos assim. E a gente, na época viu que realmente quem vota lá dentro, e a gente tem essa ideia hoje, quem vota lá dentro é o associado, não é o torcedor. Hoje quem vota lá é quem frequenta lá, pode nem ser corinthiano, é morador do bairro, da região, que

frequenta o clube. Ele quer melhoria para o clube, não quer melhoria para o time. Uma parte é isso, acho que a maior parte. Quem frequenta a sauna, quem frequenta a piscina, quer uma melhor piscina, quer uma quadra de tênis, quer uma... Então, nós entramos lá, a nossa ação era mais a favor do time, diferentemente do associado que votava. Então a gente foi pouco votado. Não era candidato oficial, porque ele não era um sócio nosso, era ligado politicamente, mas não era da raiz nossa. A nossa ideia era o que foi lá atrás, tipo o Flávio, não é? Ou o Sérgio Terpins que foi associado nosso. E que chegaram a diretor de futebol. Eu acho que o Flávio tinha grandes possibilidades sim. O Flávio sim. E o Flávio já participava do Conselho dos Gaviões, em nível estatutário ele já era viável para isso. A partir do momento em que ele já tinha participado da diretoria de futebol, ele com o Sérgio, a ideia futura era isso, dos dois serem, para você ter uma ideia. Mas o destino não quis e eles foram embora antes disso, foi um depois do outro.

B.H. – Dentinho, na relação com os jogadores você usou a expressão “cobrar” em geral quando tem uma eliminação, um desempenho pífio, a torcida vai cobrar... E a cobrança quando acontece por um jogador – eu não sei se é o caso, se já teve um caso com a Gaviões – de um jogador que está em uma boate na véspera de um jogo. Isso já aconteceu? Isso acontece? Como é que você vê esse tipo de...?

J.M. – Nossa, acontece direto. Agora principalmente, porque a coisa cresceu de tal forma que, você está na quadra lá daqui a pouco: “Oh meu, sabe quem está aqui em tal lugar? É o fulano”. Uma vez nós fomos em uma casa lá no Tatuapé, uma casa de umas meninas lá, chegamos lá estava o... Quem estava lá? Caramba, uns que foram contratados do Bragantino. Eu esqueço o nome, é tanto jogador! Era o Carlão? Eram dois zagueiros, aquele que foi para o Botafogo, que fazia aqueles cabelos esquisitos, esqueci o nome dele, tinha ele e mais dois. Eles ficaram presos lá, dentro da boate, e nós lá fora com cinco ou seis carros esperando eles saírem. Pegamos vários, pegamos o Casão, na época pegamos o Casão uma vez.

B.G. – E eles falam o que? O que vocês falam para eles?

J.M. – Não, a gente vai, eles nem falam, eles se escondem. [Risos] Quem estava também? O Ronaldo arrastava um monte de cara, mas o Ronaldo era outro papo, mas o Ronaldo arrastava. Teve vários jogadores, eu não participei de muitos não. Teve o J. Maria uma vez que jogou no Corinthians um tempo, eu também o busquei em uma

boate, estava bebinho também. Vários. Lembrar de nomes agora... Eu participei dos mais antigos, não dos mais recentes... A molecada que sempre fala de um outro aí. Mas ultimamente não tem tido muitos não, dessa safra. O Sheik uma vez ou outra. Mas assim, os antigos um ou outro.

B.H. – Mas você acha que é isso mesmo, tem que cobrar?

J.M. – Mas nunca se partiu assim, de agressão deles não. Mais de cobrar lá, de jogador ter que estar bem fisicamente e estar lá em uma vida de bebida. Essa coisa que é mais feita, mas não de ficar policiando jogador, também, que eu sou contra esse tipo de situação. O cara tem que estar... Independente do momento em que ele esteja, não estando no período em que ele esteja obrigado a estar em uma situação... Acho que não tem nada a ver, se ele cumprir o seu dia de estar lá amanhã treinando, qual a situação? Também não acho errado isso. Eu acho sim é antes de um jogo importante você pegar o cara sem concentrar, o cara está lá de madrugada, fazendo a madrugada, aí é complicado. Até para a parte física dele. Mas tem mil situações sim.

B.H. – E a relação – que deve ser parecida – com os treinadores? O que você lembra de boas e más relações ao longo desse tempo. Imagino que também envolvam contato direto, tirar treinador, colocar treinador.

J.M. – Eu participei de alguns, viu? Diretamente. Um dos que eu participei foi o Teixeira em 1978. Mas o Teixeira foi um movimento que levou um ano. Demorou um ano o Teixeira. A gente sempre levava faixa lá “fora Teixeira”, em 1978. Foi o primeiro, eu lembro, e depois teve o Jair Picerni. O Corinthians montou um belo time e contratou ele, na época que contratou o Serginho Chulapa, 1984. Não sei se vocês lembram 1984, Serginha Chulapa, De León e o caramba. E ele não conseguiu fazer os caras jogarem.

B.H. – O Zenon.

J.M. – O Zenon, tinha um timaço! O Edson, Carlos. E ele não conseguiu. A gente foi no vestiário. Nossa, fui lá invadi o vestiário, mas não o agredi. Fui lá falar com ele para ele pedir demissão. No outro dia ele pediu demissão. Mas tem umas situações assim. O Carpejani, também a gente foi lá cobrar. Vários técnicos sofreram algum tipo de pressão. Esse que está no Palmeiras agora, tive um discussão brava com ele. Na

segunda vez que ele esteve no Corinthians, que ele perdeu cinco jogos direto. Eu fui lá no Morumbi, lá atrás, ele desceu do ônibus para me xingar, falou palavrão para caramba.

B.H. – Oswaldo de Oliveira?

J.M. – Oswaldo de Oliveira. São assim, lances assim, você vai cobrar uma situação do técnico, às vezes ele perde a linha.

B.H. – Boas a gente teve várias. O Tite é um cara de diálogo, conversa. O Mano não. O Mano eu acho ele até meio prepotente, um pouco. Ele tem uma prepotência dele, não sei se é do estilo dele. Mas dos últimos aí, é o Tite, que ele é um cara... Naquela época do Tolima ele veio conversar também. Ele pediu... Naquela época falou tanto que a torcida queria, não queria tanto não, queria mais cabeça de jogador do que dele. Mas ele veio conversar com a gente naquele dia lá, eu lembro que foram até o CT, [inaudível] a molecada tira um monte de coisa lá também. Hoje em dia, você vai em uma ação dessa, você não tem que ir com dois, três ônibus. Eu falo para os caras: “Para que ir lá? Vai cinco, seis caras lá, vocês conversam com os caras”. Não, leva um ônibus. Aí sai polícia, sai pedrada. Aí é vândalo, aí se torna vandalismo. Que nem agora...

B.H. – O que aconteceu...

J.M. – Na eleição agora vai protestar, eu falei: “Toma cuidado”. Vai colocar faixa lá, os caras vão votar, não vai agredir ninguém se vai votar ou deixar de votar. Nós não vamos tomar posição para A ou B. Então, você vai lá para reivindicar, põe as faixas de reivindicações, mas não vai cobrar ninguém se vai votar no Dualib ou vai votar no Citadini ou no Andrade. Nós não vamos nos posicionar. A gente vai reivindicar, quem ganhar vai sofrer. Aí chega lá os caras começam a atirar pedra em... Não, não tem nada a ver. Então, os treinadores sempre... Vou te falar, não teve treinador que não aceitou não, algum tipo de cobrança. O Evaristo, foi um cara meio arredo que não aceitou... Eu me lembro do Evaristo, discuti feio com ele também. Mas a grande maioria conversa, a grande maioria dos técnicos aceita esse tipo de cobrança. Não é cobrança, é diálogo. A imprensa não gosta muito mas os técnicos conversam sim. Eu lembro o Jorge Vieira uma vez, os caras estavam loucos para derrubar ele, em 1987, se eu não me engano, e



ele veio conservar com a gente, que os caras estavam afim de derrubar ele, foi pedir apoio. Mas não teve jeito, o diretor de futebol na época era o Zezinho Mansur. Aí veio o Mansur falar com a gente: “Olha, não tem jeito, conversei com os jogadores...”. Aí acabou o primeiro turno o Corinthians estava na lanterna, não sei se você se lembra desse campeonato, o São Paulo foi campeão e nós fomos vice-campeões. Eram dois turnos, no primeiro turno a gente na lanterna, segundo turno nós fomos campeões do segundo turno. Formiga o técnico, foi a única vez que o Formiga dirigiu o Corinthians. Então, tem essa coisa, os jogadores também jogam pelo técnico, não é? A gente tem um belo exemplo com o Tite, nesse time de 2012. Não era um grande time, mas jogava. Como esse time, vou te falar, o Tite implantou na cabeça desses aí, se jogar da mesma maneira que jogou em 2012, leva essa Libertadores também, ontem deu para sentir. Os caras vão correr por ele. Se continuar dessa maneira, tomara que continue.

B.H. – A relação com a imprensa, rádio, televisão, jornal. A gente sabe que hoje tem toda essa estigmatização que parte dos meios de comunicação: “vândalos, arruaceiros”, tem todo esse vocabulário de exclusão das torcidas organizadas. Mas imagino que tenha algum contato com jornalistas.

J.M. – Com a imprensa sempre teve. Antes a imprensa abria mais espaço, hoje a imprensa está radicalizando bastante, antes você tinha espaço de ir em uma televisão, de ser entrevistado. A imprensa mesmo procurava para entrevista, o presidente, aquela coisa toda. Hoje a imprensa parece que está se afastando um pouco dessa parte de briga, de entrevistar quem... Hoje, às vezes, a escrita coloca alguma coisa, mas a de televisão se afastou um pouco. A Gazeta antes dava uma ênfase maior, a Gazeta agora está atrás do Flávio Prado, que é radical ao extremo. Ele, eu acho que não aceita muito, mas algumas coisas ainda passam, algumas situações de entrevista. Mas a imprensa de uma forma geral, ela está fugindo, sendo arredia. Mas antes você tinha um grande espaço, a gente chegou a ter até um... Os Gaviões tiveram a TV Gavião, a gente tinha um espaço pequeno, a gente criou o nosso espaço. Mas era muito caro, você não tinha muito patrocinador para cobrir o espaço que a gente tinha, mas a gente chegou a ter. Era um grande sonho também, mas dependendo do horário era caríssimo. Então, não dava. A gente passou alguns programas só. Tivemos até prejuízo da produtora lá. Mas a gente conseguiu ter. A imprensa de um modo geral... A Globo, ela queria ou não queria tem

que aceitar o lado Gaviões, o lado Mancha Verde e o lado da Dragões. São torcidas. Não adianta falar que existe, que aqui é... Só se as outras assumem que carnaval é uma coisa e torcida é outra. Nós não, os Gaviões são uma coisa só. Tanto que a maior briga da Ligas das Escolas de Samba até hoje, desde o início é que a gente tire o símbolo do Corinthians, a gente não tira. Porque o dia que tirar a gente acaba, porque o carnaval a gente faz pelo conrinthiano. A gente não vai lá e abre espaço. O cara pode até ir, um cara que seja admirador, enrustido, mas que ele vai cantar o hino um dia ele vai cantar. [Risos] Então, é diferente, a Mancha hoje ela não coloca. Nesse desfile, homenageando o Palmeiras, eles vão colocar símbolo, porque autorizaram. Mas o símbolo da Mancha, oficial do carnaval não tem o símbolo do Palmeiras. Como a Dragões também não tem, eles podem ter até o boneco lá, mas o símbolo do São Paulo não.

B.H. – E mesmo o registro jurídico é separado.

J.M. – Isso! Nos Gaviões não. Uma grande coisa que pega na Liga é a Gaviões que tem o símbolo lá. Eles ficam doidos! Que o nosso abre alas é com o... Quanto maior o carro, maior o símbolo. Eles ficam danados.

B.H. – Mas isso é porque eles temem a concorrência, a popularidade do Corinthians um pouco ofusca as outras escolas.

J.M. – Isso. Isso sempre foi o debate deles. Eles sempre acharam essa situação. Mas é o que nós sempre colocamos para eles, nós não temos o porquê de ser uma escola separada, não tem porque, a gente não nasceu para isso. Nós somos Gaviões, fomos bloco e somos escola, é um braço de atuação nosso. Mas não que seja o principal. O dia que resolver que os Gaviões não vão desfilar mais, a gente não vai desfilar, a gente abre mão. Mas nós vamos continuar a ser Gaviões da Fiel. Agora, nós nunca mudamos de nome. Eu não vou ficar em um debate se “a”, “b” ou “c” mudou de nome por questão jurídica, judicial lá. Mas a gente sempre teve as razões para brigar, para manter o nosso nome. Nunca a gente precisou mudar de Gaviões da Fiel para Gaviões não sei o que. Então, a gente sempre lutou pelo nosso nome.

B.H. – Mas uma das alegações para separar os registros jurídicos é justamente o fato da movimentação financeira, da receita que gera o carnaval, isso acaba tendo também implicação interna nas tensões dentro da Gaviões, pelo fato do carnaval ter um aporte

de dinheiro que vem da prefeitura, que vem da televisão, da TV Globo. Isso internamente acaba tendo um problema que as outras torcidas, de alguma maneira, conseguem, ao separar, diminuir pelo menos a tensão interna.

J.M. – Eu acho que eles cederam mais na questão, que teve uma época que fizeram as escolas de uma forma geral, se juntaram lá, e eles... Na realidade o carnaval de São Paulo sofreu mil alterações. Hoje está tendo até algumas mudanças, as escolas estão crescendo, porque eles viram que tinham que acordar. Que tinham vindo outros grupos de baixo fazendo o carnaval melhor que eles. Na realidade eles começaram a aceitar isso, do que brigar com Gaviões, do que brigar com a Mancha, de tirar o símbolo, de achar que o símbolo afugentava o carnaval deles. Na verdade hoje eles estão acordando para a realidade de que eles tinham que fazer carnaval. De esquecer que os Gaviões usam símbolo do Corinthians, que ganha dinheiro para fazer carnaval, nada a ver, ou a Mancha. Aí o que aconteceu? Eles criaram um grupo de torcida, que não disputava o carnaval com eles. A Mancha aceitou, nós não aceitamos. Então nós continuamos. E brigamos juridicamente, judicialmente e ganhamos o direito de desfilar. A gente só não vai desfilar o dia em que o Corinthians chegar e falar: “ Olha, vocês nunca mais vão usar o símbolo para vender camisa, para nada”. Aí sim, você não pode usar, o clube está exigindo, que é dono da marca, não é? Mas como que a Liga, a Liga é o que para exigir que você não use um símbolo. Só o clube pode.

B.H. – E da parte do clube tem algum...?

J.M. – Não. O clube nunca, nunca cogitou isso. E mesmo nos momentos de maiores crises hein? Crises que eu digo de cobrança maior nossa, de reivindicações nossa. Os caras podiam usar isso de argumento. Nunca usaram. Aí o que aconteceu? A Mancha para ceder, a própria Dragões quando subiu, para ceder. Assinaram um documento que eles não iam usar o símbolo do time. Eles tinham que denominar uma razão social diferente, “Escola de Samba Mancha Verde”. Pode ser até o símbolo mas sem o símbolo do Palmeiras, sem o Palmeiras. O São Paulo a mesma coisa, pode usar o bonequinho, mas sem... E a gente não aceitou e não aceitou isso até hoje e não aceita. Que a gente não tem dois nomes ou dois segmentos. Eu discuto com o Paulinho, falo: “Oh Paulinho você cedeu para os caras, agora não tem jeito de voltar. Você aceitou, sua

agremiação é diferente, você tem uma torcida e uma escola de samba. Então são duas agremiações diferentes”. Entendeu? Eles aceitaram esse sistema, nós não.

B.H. – E toda a evolução foi super tensa dessa incorporação ao carnaval que, por outro lado, potencializou o carnaval de São Paulo, essa presença. Por outro lado teve primeiro essa prescrição de que só poderia ter uma escola ligada à torcida, depois que cada uma desfilava em um dia, hoje a gente tem três escolas. E a Independente... Tem a Independente se postulando, subindo.

J.M. – Vou te falar uma coisa, a tendência é subir.

B.H. – Você acha que pode haver um momento em que a tensão da rivalidade do futebol, das torcidas de futebol vá para a avenida? Isso pode acontecer?

J.M. – Para avenida em si não. Fora dele, eu acredito, fora dela. Eu falo sinceramente para você, estou sendo muito transparente aqui. Eu temo, muito sinceramente, fora dela. Por quê? A tensão do futebol vai para lá. Hoje existe uma tensão muito forte entre Corinthians e Palmeiras. Está muito forte por causa dos acontecimentos que teve extra campo. Que nem teve a ver com futebol, nada. É o que eu te falei no início, são coisas de gangues. Eu falo que é gangue. Agora, essa tensão transfere, o carnaval tem que tomar cuidado. Então, aí entra os presidentes para fazer o contato, se não o carnaval vai entrar também, aí vai prejudicar todo mundo. Se acontecer um dia é eliminação mesmo, as duas estão fora e as outras também vão junto. Eu acredito nisso. Pode até surgir outras, mas tem que ter um acordo. Tipo assim, levar os carros em dias diferentes...

B.H. – A própria apuração tinha uma determinação de uma ir, não ir a outra.

J.M. – O Paulinho tem esse controle, ele falou não vai ninguém lá, não vai. Os Gaviões iam em peso. Hoje não vai mais ninguém, por causa das confusões que teve. Não foi só nossa aquela confusão lá, aquela vez naquela apuração. Mas teve também. Agora, tudo é questão de acordo, espero que esse acordo não se acabe como se acabou os acordos com torcida. Espero que não, se não o carnaval vai entrar no mesmo clima. Não digo agora um, dois, três, quatro, não sei quantos anos. Mas, futuramente, eu acho o grande perigo que aconteça sim, eu não tenho dúvida não. Porque o que acontece antes do carnaval vai para o carnaval. Não tem jeito. Vai chegar uma hora... É o que você falou, como que a Liga vai conciliar se ficar quatro ou cinco no mesmo grupo? Como vai

dividir esses dois grupos? Aí vai dividir horários? Uma desfila na primeira e outra na última para nem se encontrar mais. Então, vai ficar difícil não é?

B.H. – E volta essa lógica do monitoramento da polícia, do escoamento...

J.M. – E torcida, já está tendo, você sabe disso não é?

B.H. – No carnaval?

J.M. – É. No desfile das campeãs, uma entra de um lado a outra do outro, você vê? O negócio está... As escolas estão com medo disso. Existe um movimento para que se mude isso. Quando se crescer o momento e for para votar lá um dia, isso acaba. É só acontecer uma coisa mais séria, mais grave no carnaval. Quando acontece fora isso... Mas quando acontecer dentro do carnaval aí eu acho que a coisa... Teve um acontecimento no carnaval, de bloco, não sei se você ficou sabendo. Da Independente. A Independente foi exclusiva, mas ela voltou agora porque ela entrou em uma escola de samba. Ela está disputando... Porque assumiram uma escola de samba lá não sei da onde.

B.H. – Agora é o Batata que está a frente.

J.M. – E o Batata já está com outra cabeça também. Mas leva o nome, tá toda a rapaziada lá e todo mundo vai. Não adianta falar que ninguém vai. Eu acho que a questão do carnaval – agora talvez não.

J.F. – Por quê?

J.M. – O Tomate é um cara muito sério, muito bom. Ele lá, ele não...

B.H. – A Dragões como é uma torcida menor dá para controlar mais, as grandes é que realmente...

J.M. – Os Gaviões tem uma diferença muito séria. Porque se você ver hoje, as cabeças mudam. As lideranças dos Gaviões, às vezes, tem umas alternativas, agora se você pegar as torcidas do Palmeiras, São Paulo, não é uma crítica, mas você sempre vê os mesmos. O Paulinho está há quantos anos? Você vai indo. É diferente lá nos Gaviões. Hoje está o BO, no ano que vem já não está mais.

B.H. – O Diguinho.

J.M. – É. Se o Diguinho não ganhar a eleição, vai ser outro. Então é outra cabeça. E o Paulinho vai estar lá ainda. O Diguinho vai ser um cara novo. O Diguinho ou o João ou quem for entrar. Então, os Gaviões tem esse diferencial, de sempre estar dois anos mudando. As outras torcidas sempre, se você ver... O Batata ficou um tempão, agora eu nem sei quem está na... Tinha o Priscila lá, que também era cabeça. Tem outros caras... Eu nem sei quem está na Independente hoje.

B.H. – Baby, não é?

J.M. – Baby. Então é diferente... Tem uns nomes, tem umas coisas também... Na 12 está o Capão há quantos anos? E vai indo assim.

B.H. – A TUP nem se fala.

J.M. – A TUP nem se fala. O Marcelo desde que eu me conheço. Então, tem umas situações assim. Eu acho que o carnaval corre risco sim. Não agora, mas futuramente corre. Agora, eu digo, a tensão está séria, isso eu falo para vocês. Não sou de enganar ninguém, a tensão está muito séria entre Gaviões e Mancha Verde. É bom que não se cruzem por aí não.

B.H. – É, já serão dias separados, um é 23 o outro é 24. Mas ainda assim...

J.M. – Se um dia cair nas campeões uma adiantado da outra tem que mudar a colocação. A polícia teve que ir na sede de uma... Nossa! Já está escoltando ônibus já.

B.H. – Porque estão tendo os ensaios técnicos e aí tem essa movimentação.

J.M. – Você vê como é que está. E isso se torna chato para o carnaval. O carnaval é uma festa, não tinha que ter divisão. As torcidas ficam lá, Pérola Negra, não sei o que Nenê, tudo junto, não é? Junta o mesmo pavilhão lá das torcidas. Você vê [inaudível] lá em cima. É triste falar, mas não tem jeito. Não tem. E o carnaval vai pagar esse preço, não é?

B.H. – Dentinho, podemos falar um pouquinho do período em que você foi presidente da Gaviões, anos 1990.

J.M. – Opa! O melhor período, 1990.

B.H. – Foram duas gestões, como você disse isso aconteceu com o Magrão.

J.M. – Eu fui vice do Magrão. Quando eu fui vice do Magrão era para eu ter sido presidente. Daquela sequência que a gente falou, que ia assumindo cada presidente. E, na verdade, era porque o Magrão tinha sido em 1983 e era para eu ter sido presidente nessa época. Era uma sequência. Mas aí o que aconteceu na época? Os Gaviões tinham virado escola de samba, eu não um cara... Não era mal visto, eu era um cara de arquibancada, de pecada, um cara que... Vamos dizer assim, muito cabeça quente. Então: “Pô, o Dentinho, será que o Dentinho vai ser bom? Negócio de televisão, Gaviões vai virar global?” Aquelas coisas, sabe? Aí foi uma reunião do conselho, debatamos isso bastante, eu falei: “Não, eu abro mão, beleza. O Magrão é presidente, é um cara importante, ele é empresário e tudo, vai ser importante para a imagem dos Gaviões”. Abri mão, normal. Aí fui vice do Magrão. Aí em 1991 eu falei: “A sequência é minha”. Aí tinha já uma rapaziada nova que estava chegando na época, que era o Metaleiro, o Jamelão e o Pantcho, era uma rapaziada nova, que estava surgindo: “Não, tem que ter eleição”. Aí conseguiram fazer eleição do conselho. Aí teve aquela guerra dentro do conselho, eu perdi por um voto. Um voto. Goulart, aquele [inaudível] nosso, ele mudou o voto. Por pedido dos conselheiros antigos, ele mudou o voto, porque o Alex era um cara preparado: “Preparado? Eu sou um cara mais preparado...”. Aí beleza, eu aceitei a derrota de boa, fiquei na minha. Aí em 1993, eu fui aclamado. Aí foi o auge da minha vida, 1993, 1994, 1995. Peguei os Gaviões – não vou fazer aqui propaganda – com uma dívida tremenda. Consegui montar um grupo de trabalho muito forte, com Renato, Alemão, uma rapaziada muito forte, uma comissão de carnaval muito grande. E os Gaviões estava em um crescente no carnaval.

B.H. – Foi campeão em...

J.M. – Não! Estava em um crescente, estava subindo. Foi rebaixado em 1990, disputou o grupo 1 em 1991, voltou em 1992. Aí começou a galgar foi oitavo... Aí quando eu peguei em 1993, eu tive a ideia e falei: “Vamos mudar um pouco a questão do carnaval”. O Vaivai sempre pegava um carnavalesco no Rio, mas eram aqueles caras conhecidos, que mandava projeto mais nem vinha para cá. Aí eu conversei com o Ernesto, o Alemão do Cavaco, os compositores lá, que tem muito contato no Rio. E o Ernesto me trouxe o Jorge Freitas, que hoje manda no Rosas de Ouro. É o bambambam do Rosas de Ouro, o Jorge. Aí me trouxe o Jorge, e o Jorge veio com umas ideias de

primeiro mundo. Decoração de Rio de Janeiro, aí nós lançamos o Jorge aqui em São Paulo. Olha, estourou! Até em decoração matamos as escolas aqui em São Paulo, era um novo carnaval. Aí em 1994 nós fomos vice-campeões com um dos melhores sambas também. Foram dois sambas, o Veneno da Serpente e... Aí depois em 1995 não tinha como eles tirarem o título da gente. Ah não... Desculpa. Estou mudando a história. Esse foi o Raul Diniz. Olha, mudei a história, desculpa. Em 1999 que nós mudamos para o carnavalesco do Rio. Que foi a minha segunda gestão, a primeira foi do Jorge, desculpa o Raul. O Raul até estava na Europa. O Raul Diniz, estava em um crescente, já vinha desde a época de primeiro grupo, aí o Raul fez um belo carnaval, aí em 1994, com a Veneno da Serpente, a gente foi vice campeão e em 1995, que foi o nosso jubileu de prata, a gente foi campeão com aquele samba, não tinha como tirar da gente. Nós fizemos uma gestão de primeira mesmo, os Gaviões campeões do carnaval. Com toda essa rapaziada... Não do contra. Mas achava que estava querendo só fazer o carnaval: “Gaviões é carnaval, Gaviões é carnaval”. Aí em 1996 mudou o presidente, como tudo muda. Entrou o Jamelão e não teve o mesmo sucesso, nem em nível de torcida, mas os Gaviões continuaram seu seguimento. A minha segunda gestão eu acho que foi... A primeira foi boa, mas a segunda foi melhor. Porque eu peguei, eu vim... Como a primeira gestão foi daquelas de primeira, os Gaviões em dia, não deviam um centavo, não deviam nada para ninguém. A segunda gestão eu fui praticamente chamado para assumir os Gaviões. Por quê? Tinha o Metaleiro na época, que foi presidente, mas ficou uma dívida tremenda, ele contratou carnavalesco do Rio também. Trouxe um cara muito caro, Roberto Szaniecki, um carnavalesco do Rio de Janeiro. E os Gaviões ficaram devendo uma grana muito alta. Coisa de um milhão que estava devendo. E como eu tinha feito um bom trabalho, o conselho decidiu: “Não, o Dentinho vai voltar a ser presidente”. Os caras não tinham como falar não. Quem era da rapaziada nova, da época, mesmo grupo que era do Metaleiro. E eu assumi os Gaviões e consegui equilibrar as contas dos Gaviões, na segunda gestão, consegui trazer o Jorge que era um carnavalesco barato, fez um belo carnaval. E a partir dali o carnaval dos Gaviões deslanchou e o carnaval de São Paulo também. A mudança do Jorge para cá, trouxe ao carnaval de São Paulo movimentos diferentes. Não movimentos que eles trouxeram depois de [inaudível] que é só os carros mexendo. Mas um carnaval de decoração, de brilho, sabe? O Jorge conseguiu implantar isso no carnaval de São Paulo.



[FIM DO ARQUIVO III]

J.M. – Eu acho muito bacana isso.

B.H. – A gente fez com jogadores, agora a gente está fazendo com torcedores. A ideia um pouco de que essa memória precisa ser registrada. E por isso a gente privilegia lideranças, pessoas que tenham tido uma história...

J.M. – Pelo menos, eu acho que as pessoas vão ter ideia de cada um. Porque você vai ouvindo cada um, você vai tendo uma ideia do que é real. Do que é sincero e do que é fantasia. Tem muita gente que fantasia muita coisa também. Você tem que ver o que é sinceridade e o que é fantasia. De criar algumas situações que não é, também. Você precisa, às vezes, de... Eu nunca... Eu falando uma coisa rápida aí.

J.F. – Quando vocês quiserem... Dentinho a sua gestão, 1993, 1995, ela coincide, então, com esse episódio no Pacaembu, eu gostaria de ouvi-lo a respeito do impacto desse episódio na vida do Gaviões da Fiel.

J.M. – Em relação ao que você diz?

J.F. – Da repercussão, da imagem que se criou a partir daí a respeito das torcidas.

J.M. – Você diz do...?

J.F. – Do episódio do Pacaembu, da briga das torcidas da Mancha e da Independente.

J.M. – Ah sim! Eu acho que ali, a partir dali, foi um ponto inicial para tudo, na realidade. Mas ali muita gente tem muitas ideias, muitas ficções do que aconteceu naquele dia. Mas, parece que foi um ambiente preparado que houve toda uma situação para que criasse aquele tipo de situação. O Pacaembu estava em reforma naquele período, não tinha, eu acho que ambiente para fazer um jogo de uma final de uma Supercopa. Eu achei que... Eu acho até hoje, e ninguém me tira essa ideia, que não é que se criou um ambiente para que a briga acontecesse, mas se proporcionou ambiente para que ela acontecesse. E aí, a partir dali sim, as torcidas foram julgadas mesmo. Com a morte do rapaz dentro de campo... E aí a partir do momento da extinção das torcidas, o processo de extinção, onde a gente foi afastado de estádio, com nossos instrumentos e tudo. Mas eu acho que foi criado uma situação. Pode ser até fictício da minha cabeça ou de outras cabeças... Ou foi falta mesmo de responsabilidade. De um jogo daquele... E o Corinthians jogava a tarde, não sei se você se lembra.

J.F. – Logo depois teve jogo do Corinthians.

J.M. – Logo depois teve jogo do Corinthians. Então, eu – pode ser ficção – mas eu acho que a coisa foi pré-disponível para que a coisa acontecesse. Eu acho que a situação foi muito chata e dali se partiu para um processo longo, veio o Capez. Aí surgiu o Capez, o Fernando Capez para ser o todo poderoso, para acabar com todas as torcidas, acabar... Com os Gaviões ele não conseguiu. A partir de um momento ali a gente...

J.F. – Você se recorda daquele jogo? Você estava se dirigindo para o Pacaembu?

J.M. – Eu estava na quadra quando aconteceu. Foi de manhã o jogo, a gente estava lá assistindo, eu estava em um barzinho assistindo. Nossa! Eu vi aquilo... E quando mostrou-se a briga e mostrou aquele monteira de coisa atrás, eu falei: “Porra, o que é isto?”. Então, na realidade é isso, eu acho que tudo se partia para que um dia acontecesse um confronto grande. Mas eu acho que se preparou um ambiente para que esse confronto... Ou foi pura irresponsabilidade de quem organizou aquele evento. Eu acho isso. E foi em 1995, eu já nem era mais presidente, era o Jamelão. Eu tinha saído em... Que a nossa gestão termina em março e aquele jogo foi em julho. Mas a gente conseguiu sobreviver daquilo lá. É o que eu estava falando agora, o carnaval sempre foi o nosso braço direito. Então, a gente sobreviveu. As outras torcidas não tinham isso, tanto que foram extinguidas. Tiveram que mudar de nome, tiveram que ter outra razão social. A gente nunca teve isso porque a força sempre... Não a desculpa de ter o carnaval, mas ter o braço direito do carnaval. E a gente também tinha toda uma situação que nós não éramos envolvidos em situações mais pesadas. E foi uma pena isso aí. Mas a gente conseguiu sobreviver, fomos, como eu disse... A gente continua a fazer o carnaval, usando Gaviões sem ser... Proibidos de ir ao estádio, mas a gente continuava se encontrando entre os estádios. A gente criou, na época, até algumas camisetas para se identificar nos estádios. Uma camisa sem o símbolo, só com o símbolo do Corinthians. A faixa... O policiamento começou a permitir alguns dizeres, mas era uma identificação nossa. A gente conseguia burlar algumas situações para continuar se reunindo. Eles não conseguiram acabar, eu acho que dificilmente acaba hoje. Se eles conseguirem acabar, aí que a coisa vai ficar mais impune ainda, eu acho. Hoje ainda a identificação é feita. Acho que, dificilmente, hoje se eles quiserem mudar esse processo e acabar com as torcidas, aí que eles vão criar impunidade maior ainda. Que os grupos, principalmente agora, não vão se dispersar. A minha opinião.

J.F. – E vocês tiveram que se defender juridicamente. Porque houve uma tentativa de se extinguir a Gaviões.

J.M. – Sim o Ministério Público entrou com ações contra todas as torcidas aqui de São Paulo. Tanto que fora a gente conseguia entrar com material normal, em jogos do Campeonato Brasileiro. Só alguns estados que aderiram alguma coisa, o Rio de Janeiro, pouca coisa... Mas a gente conseguia entrar em todos os estádios fora aqui de São Paulo, conseguia entrar com material, só São Paulo mesmo. Juridicamente eles não conseguiam provar, as nossas ações não eram violentas, não eram de fins violentos. Coisas que, na época, a Mancha e a Independente não conseguiram provar. Porque já tinham algumas ocasiões ocorrido também. E ações você vai ganhando, vai protelando. Depois a gente entrou com ação para voltar ao estádio, nós que entramos com ação, para entrar com a faixa. A gente brigou muito. Eu, já na minha segunda gestão, quando eu estava com o processo rolando. A gente conseguiu entrar em um jogo contra o Palmeiras, a gente conseguiu entrar com uma liminar, teve até uma discussão dos nossos advogados com o Capez e o policiamento. Que o Capez não queria deixar a faixa entrar e a gente estava com a liminar na mão, entramos com a faixa. Depois eles caçaram, depois voltou. Mas, aos poucos, a gente conseguiu retornar.

J.F. – Mas, dessa experiência houve um empobrecimento da festa nas arquibancadas, em função das proibições...?

J.M. – Aí sim. Aí foi criadas normas de... Quando voltou, já não voltou mais bambu, bandeira, já cortou tudo. Liberavam algumas coisas através de acordos, você tinha que levar uma documentação lá... Entrar uma fumaça, uma coisa diferente. Você tinha que entrar com um documento... Até hoje tem que ser feito isso, para entrar com algum tipo de material. Bandeira não permite, mastros nenhum. Mas se você quer entrar com algum... na mão, bexiga, você tem que entrar lá com documento, assinar lá os responsáveis. Os instrumentos que entram no estádio hoje, tem que entrar lá. Cada um... Eu sou responsável por esse instrumento, se acontecer alguma coisa com esse instrumento, você vai ser punido independente de ser você, você é o responsável por ele. Então, cada um é responsável pelo material que entra hoje. O bandeirão, todo mundo tem que se... Sabe?

B.G. – E como era a relação com a polícia na sua primeira gestão?

J.M. – Então, eu acho que... Desde o início, desde quando... Antes de eu ser presidente, sempre teve as reuniões com batalhão. Por quê? Eu fui falando, quando houve as primeiras divisões de estádio, começou a dividir, começou... Quando começou as primeiras divisões,

depois das divisões veio o caminho, depois veio a entrada. Então, sempre tinha reuniões com batalhões. Sempre, desde oitenta e pouco, se começou a se reunir com os batalhões. Para eles decidirem quem ia entrar pelo lado A, e quem pelo lado B, e caminhos alternativos. Sempre se discutiu isso. No Morumbi entra pela Giovanni Gronchi e a outra pela avenida Morumbi. Então, sempre teve reunião com batalhões, como é feito hoje. O que se alterou é que antes liberava materiais, hoje não. Hoje você tem que fazer essa documentação toda para liberar. Você tem que ir lá dois, três dias antes. Se não, se você não levar essa documentação toda lá, com responsável, com RG, documentação, você não consegue entrar com material, você não entra com nada. As vezes você vê em jogo torcida que não tem nada é que não levou lá. Não levou, não entra com faixa, não entra com nada.

B.G. – O trato da polícia com as torcidas, desde o episódio em 1995 até a sua segunda gestão mudou alguma coisa?

J.M. – Então, o que aconteceu? Durante um determinado tempo não tinha reunião nenhuma. Para eles acabou tudo. Você não tinha reunião nenhuma. A partir de um determinado tempo, quando a própria polícia e a própria federação foram se adequando, a federação fazendo o cadastramento e a polícia... Aí eles começaram a dividir, a se reunir com os grupos de novo. Quando começou a liberar um negócio aqui, liberar uma coisa, tudo dependia deles. Aí começaram as reuniões de novo. Quando eu entrei como presidente, na minha primeira gestão, essas reuniões já eram... Desculpe, na segunda gestão já estava a proibição, mas para entrar qualquer tipo de ação a gente tinha que se reunir. Mas, de qualquer forma, como a gente não acabou, a gente saía... Eles mandavam escolta para todos os jogos, independente de não poder entrar material nenhum. Eles mandavam escolta para as sedes, para acompanhar os ônibus, para fazer caminhos separados. Mesmo sendo proibida a entrada de materiais, de faixa, tudo, eles sabiam que os grupos iam e mandavam as escoltas para lá. Então, eles ligavam e você tinha que reunir. A gente pedia para liberar, eles não liberavam, mas o acompanhamento tinha. Independente de ter material, os ônibus eram sempre acompanhados e vigiados na locomoção para os estádios.

J.F – Vocês desistiram de lutar pelo retorno das bandeiras, de tentar reintroduzir?

J.M. – Não, estamos com o processo até hoje. No ano passado estava para ser liberado. Ia ser liberado, você acredita? O que aconteceu? Aquele confronto na Inajar de Souza. Ia ser liberado uma semana depois. O processo já estava... Foi recolhido de novo, não quiseram mais nem ideia. Foi indeferido na semana seguinte, não entra mesmo, quando aconteceu

aquele episódio na Inajar de Souza, a morte dos palmeirenses lá. Mas naquela semana já estava praticamente liberado, o Ministério Público já tinha assinado tudo. Porque quem breca tudo, na realidade, é o Ministério Público. Hoje tem no ministério um cara que cuida só disso, da questão das torcidas. Ele que controla, ele que faz reuniões, ele que sabe... ele junto com o policiamento é que tem todo esse trâmite de tudo, de cadastramento, de quem é diretoria ou não, de quem leva material ou não. Então, o Ministério Público está por dentro de todo esse sistema, ou seja, às vezes tem que se reunir com o Ministério Público. Então, é um processo que você tem que enfrentar hoje, até meio cansativo. Se você falhar em algum setor, se você não levar um documento lá no batalhão, você não entra com material, nenhum. É isso e não tem papo, não tem ideia, quem manda são eles. Mas a gente criou isso, não tem jeito. A gente tinha toda liberdade pra fazer muita coisa, a gente acabou se destruindo entre a gente mesmo, eu acho. A rivalidade... Sempre existiu uma liberdade dentro de campo, fora dele virou vandalismo, gangues, que é difícil o controle, não é? As consequências estão aí, você depende... Você não consegue fazer uma festa legal, você quer levar um material diferente e não pode. Às vezes eles liberam uma coisinha assim, mas que, aconteceu um negocinho, eles já cortam. Se tiver uma briguinha, cortam.

J.F – Isso em São Paulo, não é? Porque fora de São Paulo tem uma liberdade ainda maior, por exemplo, o Rio de Janeiro?

J.M. – No Rio também está proibido. No Rio, por algumas confusões lá, os gaviões estão proibidos. Então, é de estado para estado. Mas quando você vai no sul, em Santa Catarina, é normal. É de comando de estado, se o cara diz “aqui não entra nada”, não entra nada. Não adianta você levar que não entra nem faixa, nem camisa. No Rio, não entra nem camisa dos gaviões. Os gaviões estão proibidos no Rio de Janeiro, mil confusões lá com policiamento, com eles a Gaviões não tem acordo.

J.F. – Como está a relação dos gaviões com as outras torcidas? Essa relação de aliança e rivalidade, fora de São Paulo?

J.M. – Olha, vou te falar... Acho que, de contatos mesmo, de receber os caras quando vem pra cá, do Botafogo do Rio, Fluminense... Estranho do flamengo não ter, até hoje eu estranho isso, mas não tem. O flamengo não tem. Vasco muito menos. Os outros estados, vou te falar, não tem muito acesso não, não tem muito acordo com ninguém não. Minas, Galoucura, ou outras, não tem. Aqui embaixo, no Paraná. Então, não tem muito contato não. Estão tendo algumas reuniões de nível nacional que alguns elementos nossos vão. Mas aí, é o

que eu falei, tudo é caminhando... de associação de âmbito nacional, mas nada de concreto. As reuniões têm, mas nada se resolve, nada se determina, nada de concreto se faz para que mude esse quadro.

J.F. – Qual é o jogo de maior risco, fora de São Paulo, para a Gaviões?

J.M. – Eu não digo risco, mas hoje, de maior rivalidade, é no Rio de Janeiro contra o Vasco. Tem outros locais também. Teve um agora lá no Belém, nem foi contra o Paysandu, porque teve uma confusão em um jogo, extra jogo, e eles acham que os gaviões estavam envolvidos. Então, o Corinthians foi jogar lá e eles disseram que os gaviões não iam entrar lá. A gente... Foram mil caras de avião lá, porque como os gaviões não vão entrar lá? Tem situações assim que os caras mesmo criam. Hoje a internet no mundo manda recado para tudo quando é lado. Então, essa guerra... Hoje, os ataques são via internet, as brigas são via internet, as brigas são marcadas. Então eles mandavam recado via internet dizendo que os gaviões não iam entrar lá. Então, os caras foram para lá e entraram, entendeu? É essa coisa, imagina lá, você mora aqui em São Paulo, foi lá para Belém. Essa guerra entre Belém e São Paulo, imagine aqui, nos bairros da vida, mandando a internet da vida, que ocorre.

B.G. – Mas a internet não ajudaria a estabelecer aliança?

J.M. – Eu acho que com a internet piorou, viu? Hoje os caras marcam as brigas via internet, os grandes grupos de bairros. Não o núcleo, mas os bairros. É o que eu falei no início, hoje você consegue controlar quem... domingo tem Corinthians e Palmeiras. Tudo bem, estavam decidindo, ficaram de decidir hoje, falaram que ia ter esse...

J.F. – Torcida única.

J.M. – Torcida única. Se não, vão ser 1600 ingressos. Vão sair todos na... Então, a polícia vai controlar, não vai ter uma briga. Todo mundo lá, só vão ser aqueles 1600 caras andando numa avenida. Ninguém apareça na frente, não é? Nem a polícia vai controlar aqueles 1600 caras, mas vão sair todos dali, aí leva até o estado. A partir do momento que sai da quadra, são 1600. Vão se dispersar em grupos de quantos? 100? 50? Onde você vai controlar isso, fora? Vão 100 para Osasco, aí não vão cruzar com palmeirense que vai para Osasco? Então, até ali você tem esse controle, mas como, fora dali, você vai controlar esses caras? Não existe como. Não tem como.

J.F. – Dentinho, você consegue imaginar qual foi o momento em que se perdeu esse controle? Ou, pelo menos, escapo esse...

J.M. – Não é perder o controle, mas a partir do momento em que você começou a criar esses núcleos fora, esses pontos de encontro, porque as outras torcidas estavam fazendo, já montavam aquelas faixas dizendo “não sei o que da zona leste, Mauá, não sei o que...”, esses grupos dessas torcidas começaram a crescer dentro de certos bairros. Aí você vai ter que... Ou você acompanha esse lance ou você... É o que acontece, a lei da vida das torcidas é isso hoje, você não pode perder essa guerra por fora. “Ah se lá tem o grupo x, tem que ter o grupo dos gaviões, se não, nós estamos apanhando lá todo dia”. Sabe esses assuntos? Chega lá na quadra “Oh meu, os caras lá em Itapevi estão com um grupo lá, estão pegando tudo quanto é corintiano lá”. Tem que gritar um ponto de encontro lá em Itapevi para não tomar prejuízo lá, entendeu? Foi assim que começou a crescer.

J.F. – Você acha que isso foi na sua primeira gestão, você já sentia isso?

J.M. – Não, nem na segunda.

J.F. – Nem na segunda? Você acha que é posterior ainda?

J.M. – Foi bem depois. Eu te falo que nós começamos a ter esses grupos a partir de 2002, 2003. Começou a ter, não divisões, mas ter grupos. Mas mesmo naquela segunda gestão minha, quando não se liberava a torcida de uma forma geral, o que a polícia começou a fazer? Aí se criou... Não, foi a partir dali, 2000. Foi isso mesmo, olha, peguei. Foi a partir de 2000 que começou a surgir. O que eles faziam, a polícia na época? Tinha lá, Fiel São Mateus, Fiel Itaquera, Fiel São... Porque polícia começou a liberar essas faixas, mas não Gaviões da Fiel.

J.F. – Ah, mas essas “Fiel Mateus”, “Fiel...”, liberavam?

J.M. – Isso. Pode reparar, pega imagens dessa época, não tinha Gaviões, tinha “Fiel...”. No Pacaembu você olhava tinha “Fiel não sei o que”, “Fiel...”. Aí quando liberou a faixa da Gaviões, cortou todas essas faixas, mas aí já tinham virado os grupos. “Ah, Fiel Piqueri”, “Ah, tem a Fiel não sei o que”. Então, a partir dali surgiram esses grupos. Isso mesmo. Foi quando denominaram assim “Fiel não sei o que”, aí cada um tinha sua faixa. Quando voltou, a gente resolveu que tinha que ter mais essas faixas. Reunimos com o policiamento e eles também falaram “Não, aí só vão ter faixas das torcidas em si.”. Aí acabaram essas faixas pequenas, de “Fiel isso”, “Fiel aquilo”. Os caras faziam as faixinhas, tem até hoje “Osasco não sei o que”, os caras fazem. Mas a partir daí surgiram esses grupos, que saiam de casa bairro. Depois, eles se reuniam em tal lugar, depois fizeram um ponto de encontro. Tem lugares que viraram quase sede, Fiel Vila Moraes. Uma vez eu passei lá na Vila Moraes, lá para o lado do Ipiranga, eu olhei lá, falei “Caramba, mas é uma casona”, “Caramba, parece

uma sede normal”. E lá, do pessoal da Gaviões da Vila Moraes. Eu acho que perdeu esse controle, deviam ter cortado “Não, olha, todo mundo sai de lá, que aí vai pra Gaviões”, “Ah não, aqui o pessoal sai, vai em grupo, vai pegar gente”. Então, era assim. Aí eu acho que a coisa... Quando começou a liberar isso aí, se perdeu o controle. O crescimento mesmo.

J.F. – Você tem algum estudo na Gaviões indicando, por exemplo, o número de filiados parece que estava crescendo até o episódio do Pacaembu em 1995, se a partir daí houve uma queda?

J.M. – Teve uma queda. A partir do momento que se proibiu a entrada do material, de camisa, essas coisas, aí caiu o número de associados. Um certo tempo, uns seis meses você não tinha arrecadação nenhuma, de venda de material, de camiseta. O cara ia comprar camisa para que? O intuito de comprar camisa é para ir para o estádio, não é camisa de moda. Então, aí teve uma queda muito grande de associados. Isso teve mesmo. E de venda de material, tudo. Houve mesmo.

J.F. – Você sabe o número de filiados que havia em 1995...

J.M. – Eu não lembro da época de... Eu sei que de 1993 a 1995 foi a maior fase das torcidas, o maior crescimento que teve. Eu, na época, peguei os Gaviões com 9000 sócios, chegou a 25000, em dois anos. 25000 ou 30000, nessa faixa.

B.G. – Mas isso tem a ver com a escola de samba também, você acha?

J.M. – Um pouco sim, também foi. Mas as outras cresceram bastante, não tinha tanto essa questão do carnaval. A Independente cresceu muito, a Mancha. Ali foi o auge das torcidas.

J.F. – É, talvez tenha sido realmente...

J.M. – Grande auge. Pode perguntar para todos, o grande auge foi nessa fase. Depois tomaram a rasteira.

J.F. – Dentinho, se você tivesse que apontar qual foi o episódio de maior risco que você viveu na tua experiência ao longo do tempo como torcedor, em alguma caravana, fora de São Paulo ou dentro de São Paulo, qual foi esse episódio?

J.M. – Olha, vou te falar, que tiveram duas situações que eu temi pela vida mesmo. Duas não, três. A primeira foi em 1976, no Rio Grande do Sul. Essa foi séria, mas sabe quando você é moleque? É tudo ou nada. Adrenalina toma conta. Quando você é mais novo nada é risco para você, tudo é aventura, tudo é adrenalina. Você pode até ter passado um certo susto, mas vai embora. Depois teve em 1982, Marília, antes da final com São Paulo, o jogo em Marília. A gente estava classificado até. Não, se a gente ganhasse do Marília lá em Marília, o



Corinthians seria campeão direto, nem disputaria o Campeonato Paulista de 1982. Quando não dá certo aquela coisa, o Corinthians pôs ônibus de graça. Nós saímos com os ônibus dos gaviões, o Corinthians pôs ônibus de graça no Parque São Jorge. Então, nós saímos com cinco ônibus dos gaviões, de Bom Retiro. Do Parque São Jorge saíram quinze, assim, de corintiano que foi lá e foi de graça. Chegamos em Marília, uma festa e o interior, é o que eu te falei, o interior é diferente. Os caras são bairristas. Hoje não tanto, mas antigamente eram, torcia pro Marília torcia pro Marília. Mesmo que em outro jogo você fosse palmeirense, mas tem a torcida que é do Marília. E, aquele jogo à noite, a maior chuva, estádio lotado e colocaram a gente no portão, a torcida do Corinthians, no portão de entrada. No portão de entrada, assim. Aí beleza, saíram algumas confusões assim, beleza. Estava para acabar o jogo, estava ali, e todo mundo já tinha alterado, bebido e ficavam no corredor embaixo. Nisso a torcida do Marília vinha, o Corinthians estava perdendo de um a zero. Estava aquela festa da torcida do Marília, porque o Corinthians não ia ser campeão direto, ainda teria que disputar com o São Paulo. Aí começou a confusão, briga atrás de briga. Saiu um cara carregado, mas saiu porque ele ficou numa poça... Eu lembro até hoje, eu estava na bateria tocando, vi aquela confusão lá embaixo, falei “Meu deus do céu, isso aí vai sair ruim”, porque briga antes tinha, mas era aquela coisa, não tinha muito. Aí esse cara saiu carregado. O irresponsável do microfone, quando o cara foi para a enfermaria, mas o cara não morreu, anunciou no estádio que o cara estava em estado gravíssimo através de uma briga da torcida do Corinthians. Aí começou a gritaria da torcida do Marília, começou tipo um levante deles. Eles vieram para cima da gente, mas vieram mesmo.

J.F. – O estádio, não é?

J.M. – Veio o povo todo, mas o povo era... O jogo correndo lá, aí veio assim, aí começou a briga na arquibancada. Meu, mas não tinha mais jeito. Era povo, eles atropelavam em cima. Nós tivemos que sair fora do estádio e brigamos na rua. As mulheres tiveram que entrar numas casas em frente ao estádio para os caras não baterem. Eles tomaram tudo, nós não voltamos com uma bandeira de lá, uma, para contar história. Eles, meu, destruíram. Eles ficavam rodando na cidade fora, depois do jogo. Eu consegui correr pela linha de trem, eu e mais uns três caras, a gente todo sangrando, a gente tinha brigado lá. Sem camisa, porque os caras arrancaram as camisas da gente. Nós corremos pela linha e nos escondemos. Só via de longe os caras correndo ... De madrugada, a gente ia voltando aos poucos, aí você via um monte de gente machucada, muita gente no hospital e o caramba. Porque naquele jogo foi

muita gente que não tinha nada a ver. Eu digo nada a ver, cara que vai, não está nem aí, bebe e não sabe o que é um interior da vida. Nossa, aquele dia eu temi pela vida. Se eu não corro ali, não consigo correr, não sei não, 1982, foi esse dia. E São Januário, 1986, também com o Vasco teve uma briga muito feia. Deixaram a gente em um canto lá, a gente brigou o jogo todo, fim de jogo todo. A polícia brigava e os caras vinham brigavam. Você ficava pensando, se os caras conseguissem passar ali, não tinha para onde correr, porque era um cantão que eles colocaram a gente lá. Não tinha jeito, nós brigamos até o fim do jogo, nem assistimos o jogo. Teve...perdeu um olho, teve mil coisas. Foram essas três situações que eu temi muito.

J.F. – O episódio com o River Plate você, da Libertadores...

J.M. – Estava. Ali também foi inconsequência de querer invadir o campo. A polícia só reagiu. Com a polícia eu tive mil situações, mas nunca tive medo de morrer. Teve um Rio São Paulo aqui no Pacaembu, não sei se você lembra de um Rio São Paulo, a torcida do... A polícia botou a gente para fora do estádio. Teve a noite das garrafadas aqui no Pacaembu também...

J.F. – Contra o Flamengo.

J.M. – Que a gente tinha... a gente colocou a polícia para correr do Pacaembu, vocês subiram o Pacaembu aquele dia também, mas não situações que você fala “Po, você vai temer”. A briga com o policiamento é aquele negócio, você tem que fugir das borrachadas, eles não vão atirar em você para matar. É diferente de você ir em um confronto com torcida, você está ali frente a frente. Com o policiamento não, já tive mil confusões com a polícia, já perdi a conta. No outro dia estava lá no batalhão, conversando, explicando [risos]. Teve uma situação no Morumbi que a gente teve um confronto com a polícia. A polícia com aquelas balas de borracha, eu levei umas três, fiquei com o corpo marcado. Aí fui no batalhão conversar lá, ainda entrei com os comandantes pra olhar. Nessa que tinha um cara da ROCAM<sup>4</sup> que tinha tomado uma pedrada na cara e ele estava louco. Você imagina o cara tomou a pedrada, sangrando, ele estava com aquele fuzil, quem ele via na frente dele ele atirava. Era bala de borracha, mas machuca, dependendo de onde pegar... Você viu aqui, teve um cara que ficou cego, ganhou o processo agora, agora não adianta perdeu o olho. Eu estava explicando para o comandante na época, quando eu estava apontando assim, o cara não me entra na sala? Eu falei “Inclusive o tenente está aí, eu sei que ele sofreu uma agressão, mas ele estava atirando

---

<sup>4</sup> Rondas Ostensivas Com Apoio de Motocicletas

para tudo quanto é lado”. Ele não falou um “a” comigo, porque estava todo o comando lá. Ele falou “Você acha certo o que fizeram comigo?”, eu falei “Po, aquilo lá foi uma multidão”. Foi um Corinthians e Vasco também. A gente tentou invadir o lado do Vasco, a polícia desceu o cacete. A polícia, na hora que começa, amigo, sai da frente, não tem acordo, não tem liderança que segure. Hoje está pior ainda isso, eles quando descem... Por exemplo, quando teve uma briga, a última briga da torcida do Corinthians, da Camisa 12 com a Pavilhão, eles deixam brigar, quando eles descem é para limpar o terreno, sai da frente deles, eles não querem acordo não. Então, essas situações... As minhas são piores, porque era confronto com torcida. Nossa, Marília, todo mundo tem uma história de Marília, todo mundo. Para você ter uma ideia, quando aconteceu com a gente, as outras torcidas todas vieram para a TV, começaram... Todo mundo que foi lá tomou o mesmo troco, a torcida do Palmeiras. Pode perguntar para os caras da Macha antiga, tomou o mesmo troco, a torcida São Paulo.

B.G. – E agora o Marília subiu, não é?

J.M. – E agora o Marília subiu. [inaudível] eles virem, desde 1982 que esses caras não vieram aqui. Entraram no estádio do Corinthians também com uma escolta da polícia para tudo quanto é lado. Mas os moleques de hoje nem lembram, nem passaram por isso.

J.F. – Mas tinha torcida organizada do Marília também?

J.M. – Tinha. Na época tinha também, as faixas deles lá. Mas daquela vez foi o povão.

J.F. – Sim.

J.M. – Foi o povão mesmo. Foi uma coisa horrível. Quem foi assim... Nossa, quem foi na Marília...

J.F. – Campinas também tem...

J.M. – Campinas tem a Ponte.

J.F. – Lá você não viveu nenhuma situação?

J.M. – Não, lá não. Lá tinham as brigas normais, mas não com o povão. Em Marília foi o povo vindo pra cima de você. Meu, eu estava voltando sem camisa, de madrugada, você olhava a rua, aquele monte de cara correndo atrás de... Eles achavam alguém pra correr, eles corriam atrás. Era assim direto, de madrugada. Os ônibus começaram a chegar de volta, eram cinco horas da manhã, encostaram os ônibus assim. Só via, dos lados, vindo o pessoal todo entrando cabisbaixo nos ônibus, todo mundo se sentindo humilhado daquele jeito como foi. A gente pegou a gente na estrada andando, teve gente que saiu andando na estrada. A gente parava os ônibus e o pessoal ia entrando, você acredita? De manhã... Foi uma coisa, só

filmando pra você falar “Meu, aconteceu isso mesmo?”. Eu me lembro das imagens até hoje. Uma coisa de cinema, de... Nossa, meu deus. Você vê, em um confronto desse, não morreu ninguém. Nem o cara que anunciou que estava em estado grave, que caiu na lama, morreu. O cara foi inconsequente para caramba também, porque ele ficava anunciando “Vamos parar de brigar aí. A torcida do Corinthians está brigando”, queria mandar parar a briga, mas a briga estava comendo. Aí ele vai anunciar “Olha, a briga que aconteceu, o mariliense aqui acabou e está em estado grave aqui”. Nossa senhora, quando ele falou aquilo, eu estava no meio daquilo, eu falei “Ferrou, se prepara”. A gente ainda conseguiu sair com os instrumentos para fora, carregando, mas não tinha lugar para esconder, porque aquele povo vinha numa leva. Todo mundo correndo, quando eu olho vem aquele monte de cara em cima de mim para pegar os instrumentos. Você conseguia se defender, o cara arrancava a sua camisa, chutava você. Você só queria se livrar, porque não tinha jeito, eram dez em cima de você, cinco seis em cima de você. A gente não conseguia juntar dez caras para se defender e não vinha ninguém armado... Hoje você vai em um grupo aí um cara puxa o revólver para você. Ou então, essa morte brutal desse último corintiano, que estava indo para uma festa os caras o carro param o carro e agredem o cara até a morte, com pau. Não era nem pau, era taco de beisebol que a polícia falou, esse último rapaz que faleceu. Então, você vê... Mas foi uma situação triste, eu não queria passar de novo não. São Januário eu não vou faz tempo. Hoje está diferente também, a polícia faz escolta, leva até o estádio, mas tem os traumas que você cria, não é?

J.F. – São Januário parece que a dificuldade é já na entrada, não é?

J.M. – Sim.

J.F. – Ruas estreitas no entorno do estádio.

J.M. – Teve uma, eu era moleque também, nós fomos jogar em Campo Grande. Teve uma briga, essa briga que teve... Desculpe alongar um pouquinho. Essa briga que teve com o Vasco no Morumbi, a gente conseguiu bater na torcida do Vasco, quebramos os ônibus dos caras. Aí eles falaram que a gente não entrar lá em São Januário. Só que o jogo foi transferido de São Januário para Campo Grande. Em Campo Grande disseram que a gente não ia entrar, aí que a gente vai. Nós fomos em dois ônibus para lá, no meio da semana. Falei “Lá vai eu”. Fomos lá, entramos. Ficamos naquela tensão, a polícia separando, mas eu não senti que corria risco de vida. Os caras ficavam ameaçando, mas ficou naquela de ameaça só e nada de briga mesmo. A gente foi em dois ônibus, mas a tensão de você chegar naquele local sabendo que

está sendo ameaçado, mas a briga é questão de honra, como que não vai entrar? Como a faixa dos gaviões não vai estar em um jogo do Corinthians? Ah está bom... Tem esse lado, mas acho que graças a deus, deus sempre esteve do meu lado, vou te falar. Eu aprontei muito, mas não nada grave de agredir um cara para procurar a morte do cara. Eu tive uma briga normal, uma discussão de xingamento, não para procurar agredir, matar, pisar, como os caras “Vou bater com uma madeira na cabeça de uma pessoa”. Hoje é um absurdo.

J.F. – Não existe um código que é capaz de regular um pouco essa... A coisa escapou mesmo, não é?

J.M. – É, escapou. Hoje o revolver é o instrumento mais usado que tem por aí. Para você ver, essa vez lá em Inajá teve duas mortes por revolver, uma morte no revolver, outra no espancamento. Isso é um absurdo... E assim é. Se peca um pouco pela impunidade, não é? Não que fale assim: “A polícia...” Mas tem imagem, tem identificação e não se pune. Quer punir o grupo? Quer punir o nome? Eu não entendo isso, porque quer punir a entidade. Tem que punir as pessoas. As pessoas que são... Que usam a camisa para se tornar... O cara no outro dia é um trabalhador normal, um estudante normal, tem a sua vida normal. A partir do momento, no domingo, em uma quarta feira, que ele se torna um torcedor, se torna um cara de torcida, ele se transforma, ele não é um cara do dia a dia. Porque no dia a dia o cara não quebra o metrô, só em uma manifestação que também o cara se transforma. Mas no dia a dia que ele vai ao trabalho, ele vai ao trabalho normal, volta, vai para a casa dele, toma um ônibus. Parece que o cara se sente diferenciado.

J.F. – Dentinho, fazendo um balanço da sua trajetória, você diria o que?

J.M. – Eu diria que... Bom, eu não me arrependo de nada não. Eu me sinto muito gratificado. Vou te falar, eu não busquei isso através do tempo, do meu trabalho de... Desses quase quarenta anos dentro dos Gaviões, eu não busquei reconhecimento. O que eu defendia lá era a parte que eu acreditava, que eu acredito até hoje. Da entidade Gaviões, porque foi criada, entendeu? Eu defendo essa bandeira e vou defender. O que acontece, os acontecimentos que tem por aí, não tem nada a ver com a entidade Gaviões da Fiel. As pessoas que criam essas coisas. A entidade sim, a filosofia, de sempre lutar por um Corinthians grande, tanto que é hoje, hoje a gente é campeão do mundo, campeão da Libertadores, tem seu estádio. Os Gaviões surgiram por isso, o Corinthians antes não tinha nada. Eu me gratifico com isso, de ter participado dessa luta lá atrás, de ter enfrentado 23 anos de fila sem ganhar títulos. De ter ganhado o primeiro Brasileiro em 1990. Sempre ter lutado pelas coisas dos Gaviões, mas as

coisas em nível de filosofia, de ideologia, não de grandeza, de parte física, ou então se mais forte ou mais fraco. Eu me orgulho muito de ter feito um trabalho sério dentro dos Gaviões, ter sido presidente duas vezes dos Gaviões, ter feito grandes carnavais que elevaram a moral dos Gaviões, o nome dos Gaviões, fui campeão três vezes, duas vezes vice-campeão. Então, é gratificante isso para mim. Hoje eu frequento um estádio de futebol ou reconhecido na rua. Eu não busquei isso. Hoje o corinthiano te conhece, mesmo quem não é corinthiano me conhece. E já faz anos isso, já faz dez anos que eu não sou presidente do Corinthians, ou mais... Dos Gaviões, ou mais. E o reconhecimento é até hoje. Da pessoa me cumprimentar, tirar uma foto. Quando eu vou no interior ou vou em outro estado: “Ali é do Gaviões, o ex-presidente...”. Tem gente que acha que eu sou presidente até hoje. Então, isso para mim, para eu guardar para o meu resto, como eu guardo, para o meu ego até, é muito bom. Mas eu não procurei isso. Isso para mim, eu estou muito orgulhoso de ter participado, e estar participando até hoje dos Gaviões da Fiel, da minha vida ser Gaviões da Fiel e da minha vida ser dedicada ao Corinthians, eu me orgulho muito.

J.F. – Bom, a gente queria então lhe agradecer imensamente, a gentileza de ter compartilhado esse momento, resgatado as memórias, pelas reflexões e pelas histórias.

J.M. – E eu agradeço esse espaço. Tem muitas histórias, porque é muita coisa, se a gente fosse falar aqui a gente ficaria aqui o dia todo, sei lá, dois dias, uma semana falando das mil coisas que aconteceram. Falei fatos importantes, falei algumas coisas... Faltou muita coisa, faltou citar muitas pessoas que foram importantes também, mas eu agradeço esse espaço. É gratificante para mim também, passar essa ideia de Gaviões, passar o que eu passei, a minha vida dentro dos Gaviões.

J.F. – Muito obrigado.

J.M. – Obrigado vocês [Palmas].

[FIM DO DEPOIMENTO]